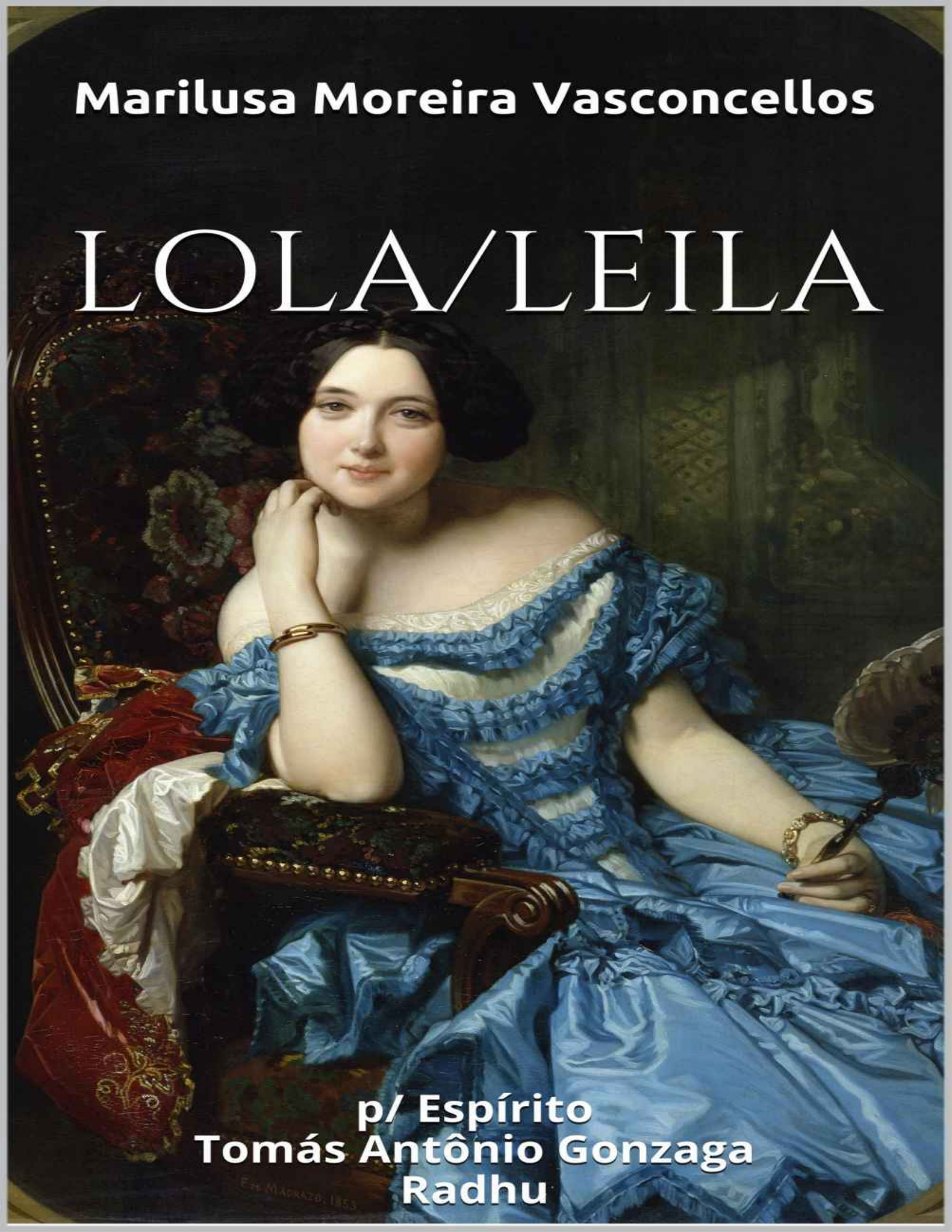


Marilusa Moreira Vasconcellos

LOLA/LEILA



**p/ Espírito
Tomás Antônio Gonzaga
Radhu**

LOLA

LEILA

Marilusa Moreira Vasconcellos

LOLA/ LEILA

ROMANCE MEDIUNICO

P/ espírito Tomás

Antônio Gonzaga.

1ª edição

Distribuidora

Editorial Espírita Radhu Ltda.

R. Maria Oliano Gerassi-288-Moinho Velho

São Paulo-cep -04284-065

Fon(011)2274-3818Site: radhu@terra.com.br

E mail: radhu@terra.com.br

ulamor@gmail.com

CATALOGAÇÃO DA EDITORA

**Vasconcellos, Moreira Marilusa, romance
mediúnico**

**Psicografia, Espiritismo. p/ espírito Tomás
Antônio Gonzaga- caso verídico- Desobsessão.
Francisco Cândido Xavier. Allan Kardec.
2010. 1744/1810**

1.Literatura Espírita

2.Romance mediúnico.

3.Caso verídico

Capa

**Todos os direitos reservados a
Editorial Espírita Radhu Ltda**

Mensagem de Bezerra

Uberaba, 16 de janeiro de 1981.

Filha,

Jesus nos abençoe.

Os Mensageiros da Vida Maior, que servem
À Causa do Bem, através de suas faculdades,
Estão a postos, fortalecendo-a na sustentação e na continuidade de suas
tarefas.

Trabalhem na Seara do Senhor, confiando-nos à Sua Infinita Bondade hoje e sempre.

Bezerra.

(página recebida em reunião pública do Grupo da Prece, pelo médium Francisco Cândido Xavier.

Uberaba, 16.1.81

Querido, vamos
a buscar. Os Mensageiros
da Vida Maior
sejam a Pausa
Bem, através das
faculdades, estão a
protestar, foi-lhes
na sua fantasia e
na continuidade da
sua - J. C. Xavier.

Trabalhem na
Seara do Senhor.
Com confiança na
Sua Infinita Bondade
hoje e sempre.

Mensagem de Bezerra.

Uberaba, 25 de maio de 1984.

Nossa irmã conta com toda uma equipe de amigos espirituais que lhe supervisionam as atividades.

Através da oração, receberá sempre as sugestões e inspirações de que necessita no desenvolvimento de suas tarefas.

Confiemos no amparo de Jesus hoje e sempre.

Bezerra.

(página recebida em reunião pública, no Grupo da Prece, pelo médium Francisco Cândido Xavier, para a médium Marilusa Moreira Vasconcellos, como orientação para seu trabalho.)

Uberaba 25/5/87

Nossa única conta com
todas as equipes de
amigos e espirituais que ele
sugestionam as atividades,
Além da oração, receberá
sempre as sugestões e sugere-
mos de que necessita
no desenvolvimento de suas
tarefas. Confiamos no amparo
de Jesus, hoje e sempre.

Bezerre

PALAVRAS INICIAIS

Querido amigo e irmão,

Que Jesus nos permita seguir o caminho que nos foi traçado para a evolução de nossos espíritos milenares.

Ao longo do caminho, jornadaeiros de várias épocas e civilizações, estamos no dia a dia em contato com milhares de criaturas que buscam seguir com maior ou menor determinação pela estrada dos dias.

Numa destas ocasiões, nos deparamos com criaturas, cujas histórias nos impactam de algum modo, levando-nos a reflexões profundas.

Há mais de uma década isto se deu, ao encontrarmos com uma jovem chamada Leila, jovem ainda, porém marcada pela tragédia que a tocara de forma cruel e difícil.

Ela nos procurou em busca de um refrigério para seu sofrimento, e, ao mesmo tempo, procurando uma explicação plausível para o mesmo.

Impressionada com a história da jovem, buscamos o auxílio espiritual, para o fim a que nos propúnhamos, que era o benefício para a jovem, que se chamava Leila.

É difícil entender, no panorama atual, a visão de tanto sofrimento, para pessoas sensíveis, de ação honesta e sincera, quando vemos tantos outros, chafurdados no mal, no interesse mesquinho e até na criminalidade, aparentemente vivendo nababescamente e bem, num contrac3enso, com relação a justiça divina, e, menos ainda, a dos homens.

Em razão disto, o sofrimento dos bons nos constrange e somos compelidos a minimizá-lo, com os poucos recursos de que podemos dispor.

Este caso verídico, que Tomás vestirá com a verve de seu estro, por certo, há de levá-lo a meditações transcendentais.

Boa leitura.

Marilusa

PALAVRAS DO AUTOR

Querido irmão,

Jesus nos abençoe.

Esta nova série de livros visa apenas ilustrar, para quem nos lê, os meandros das intervenções espirituais no mundo dos chamados vivos.

É quase uma forma lúdica, não fora pelos dramas narrados, de ajudar a compreender os mecanismos das interações e das vidas sucessivas, no dia a dia das criaturas, coisa que muita vez passa despercebida aos olhos mortais.

Os chamados vivos estão sempre a cobrar dos chamados mortos ajuda e intervenção, e se esquecem que são os responsáveis pelas suas ações, e que a colheita é obrigatória, que não existe nenhum espírito ou grupos de espíritos, por mais inteligentes, persuasivos e insistentes que sejam, que possam intervir em suas vidas, se eles assim não o desejarem.

Isto posto, é o mesmo que dizer que cada um é 100% responsável pelos seus atos e pelo que lhe acontece.

Como o mundo está presentemente muito convulsionado, e as coisas se dão de forma abrupta e inesperada, cremos que este caso verídico pode corroborar para que o entendimento dos mecanismos das vidas sucessivas seja melhor entendido.

Somente por isto nos dedicamos a mais esta tarefa.

E que Jesus nos dê maior entendimento,

Tomás.

CAPITULO I- TRAUMA

Numa de suas muitas viagens pelo Brasil, Marília se viu na capital brasileira.

Magníficos cenários se descortinaram diante de seus olhos.

Verificar os prédios desenhados por Niemayer, na beleza de suas formas arrojadas, e ao mesmo tempo simples, voltar ao passado, para verificar o sonho inconfidente ali planificado, reverenciar a memória do fundador da mesma Juscelino Kubitscheck de Oliveira, o antigo amigo e inconfidente Salvador Gurgel, falecido em Moçambique e quase canonizado, tudo contribuía para momentos de alegria interior.

As tarefas se intensificavam.

Inúmeros centros ou redutos espíritas lhe solicitavam a presença, em palestras e tarefas de pintura mediúnica, e as pessoas também vinham em busca de refrigério para seus problemas e orientações para seus problemas.

Sempre é assim. Quando os médiuns se apresentam, todos lhes buscam o auxílio, sem cogitar de seu cansaço ou necessidade particular.

Atentos a maneira peculiar de ser das pessoas, de nossa parte, procurávamos minimizar o sofrimento das pessoas e orientá-las da melhor forma possível, esclarecendo suas dúvidas e temores.

Num daqueles dias maravilhosos, no Planalto Central, fomos procurados por uma senhora, que trazia consigo uma jovem muito bonita, esbelta, de pele clara e rosto harmonioso, onde se viam os olhos muito tristes, de um castanho cor de mel, cabelos anelados e compridos, presos por um adereço ao alto da cabeça, lábios bem delineados, nariz aquilino.

Instada a falar a jovem contou, não sem lágrimas, emoção e tristeza a permear-lhe as palavras, contando o mais sinteticamente possível, sua

história incrível:

—Senhora, trago comigo uma história marcante e inexplicável, que me faz pensar dia e noite no porque das situações, e das tragédias em que me vi envolvida.

Muitas vezes me pergunto se o que aconteceu foi culpa minha, porque nada nem ninguém jamais me deram qualquer explicação lógica, para o drama em que me vi envolvida.

A tristeza da jovem era contagiante, evidente, traumática.

Marília mentalmente pediu ajuda espiritual e viu ao lado da jovem senhora, uma mulher, em espírito, mais velha, que chorava copiosamente, culpando-se da desdita da moça.

Preferiu no momento não interromper o que lhe era contado, nem declinar o que vira de forma tão evidente.

Sabia que precisaria conversar com a entidade que se apresentava, e, de algum modo, entendê-la e auxiliá-la, antes de se dirigir a jovem triste que lhe falava, porque era preciso demonstrar e sentir respeito pelos seres espirituais envolvidos na trama, e até pedir-lhes licença, para a intervenção que, de alguma forma, lhe era pedida.

Isto Marília aprendera com a Fraternidade dos Japoneses que nos auxiliavam durante as desobsessões, ou na psicometria.

A delicadeza deste grupo, nas intervenções em que eram chamados a participar, muito nos ensinara, e se tornara uma maneira proveitosa e profícua em quase todos os casos.

Mas Marília não podia, naquele momento, intervir de forma direta, e continuou ouvindo a narrativa da jovem senhora, emocionada e triste, a sua frente.

—As coisas aconteceram exatamente da forma como vou lhe contar. Estava eu a me formar na faculdade, cheia de sonhos e de ideais, pensando em procurar um emprego dentro da área em que me formara, quando conheci um rapaz maravilhoso. Ele era o tipo de pessoa pela qual qualquer moça se apaixona, cheio de vida e de ideais, recém formado, trabalhando numa multinacional, vindo de uma família equilibrada e unida.

Falava inglês fluentemente, e dedicava-se a esportes e a filantropia.

Cruzamo-nos quase que causalmente, durante o aniversário de uma colega, e fomos apresentados um ao outro por ela.

Passamos aquela noite quase que isolados dos demais, conversando animadamente sobre nossos projetos e planos de vida.

Fiquei quase que imediatamente encantada por ele, que também demonstrou grande satisfação por estar comigo.

Tudo era tão bonito, que até parecia coisa de filme.

Logo passamos a nos ver amiúde, a estar juntos, e acabamos comprometidos, para alegria de nossas famílias.

Tudo foi como num conto de fadas.

Aos poucos, definimos onde morar e montamos nossa casa, com auxílio de nossos pais.

Eu começara a trabalhar e participava de tudo numa alegria imensa.

Jamais imaginei que pudesse haver no mundo tamanha felicidade.

Nos consorciámos, e logo eu estava grávida, completando nossos sonhos, de uma família linda e maravilhosa.

O nome de meu marido era Leandro, nascera, como eu em Brasília, e éramos da nata da sociedade local, muito bem vistos e bem relacionados.

Nosso filhinho veio coroar de alegria nosso lar, como bem pode imaginar.

Demos-lhe o nome de Davi e nossa felicidade era certa e tranqüila.

Quando nosso menino celebrou dois anos, Leandro tinha que fazer uma viagem de negócios para a empresa na qual trabalhava e estava radiante, pois sua ascensão na empresa era mais do que certa.

Diante disto, quis fazer-lhe uma surpresa.

Comprei um terno muito elegante, e também camisa, gravata, meias, sapatos e cuecas, e o presenteei, na certeza de que ele apreciaria meu gesto.

Realmente ele ficou muito feliz com minha iniciativa e, no dia da viagem, ele usava todos os presentes que eu lhe dera.

Despedimo-nos com carinho e ele ficou de entrar em contato comigo, tão logo estivesse instalado no hotel do país para onde se dirigia.

Nada parecia tisonar nosso horizonte de felicidade.

Leandro se despediu normalmente de mim e de Davi, e eu apenas senti a preocupação natural com a viagem e com nossa momentânea separação, de uns dias.

Leila parou um pouco, com se necessitasse de juntar forças para prosseguir. Com a voz embargada, mergulhada no passado, continuou:

—Jamais poderia imaginar que o via com vida pela última vez.

O avião sofreu um acidente e todos morreram, inclusive ele.

A senhora não pode imaginar a dor que me tomou de assalto. Não sei como não morri também. Mas creio que foi a presença do meu menino, que me fez superar aos poucos toda aquela tragédia que se abatera sobre nós.

Aos poucos retomei minhas atividades, e passei a viver única e exclusivamente das boas lembranças e para meu menino.

E foi, num dos passeios que fiz para alegrar a criança, que conheci um rapaz, que ficou encantado com meu filho e se aproximou de nós.

Eu não estava de nenhum modo aberta a novos relacionamentos, mas o encanto do jovem, e a atração que meu filho lhe sentia, fez com que eu me aproximasse dele.

Seu nome era Roberto, e, aos poucos, foi nos cativando, de tal sorte que acabou por me pedir em casamento.

Apesar da imensa dor que ainda sentia, apesar de não ter pensado em uma nova relação, ele foi, aos poucos, nos cativando e acabei por aceitar formar com ele uma nova família.

Dois anos se haviam passado da morte de Leandro e Roberto parecia respeitar minha dor, e a presença do pai de meu filho em nossas vidas.

Tudo parecia caminhar de maneira a me recuperar da perda sofrida e, aos poucos, Roberto nos havia cativado, com seu carinho e sua dedicação. Era um rapaz brilhante, promissor, tal como meu Leandro.

Algum tempo após nossas bodas, eis que Roberto precisava viajar a trabalho e eu, até hoje não sei movida pelo que, comprei-lhe um terno, camisa, acessórios e tudo novo, tal como havia feito com Leandro. Parecia que eu estava no piloto automático, como se diz, porque, ao mesmo tempo que me censurava por estar agindo daquela forma, não conseguia me impedir de continuar a fazê-lo.

Deste modo, presenteei Roberto, tal como fizera anteriormente com Leandro, com roupas novas para a viagem.

Tal como Leandro, ele apreciou muito meu gesto e, no dia da viagem, vestiu-se com a roupa nova, despedindo-se de mim com carinho.

Desta vez, com o coração oprimido revia as cenas antigas e um temor muito forte se apoderou de minha alma, mas procurei afastá-lo com firmeza.

—”Um raio não cai duas vezes no mesmo lugar!” - eu raciocinava.

Porém, contra tudo o que eu pudesse pensar, foi o que aconteceu. O avião em que Roberto viajava, veio a cair e ele morreu da mesma forma trágica que meu primeiro marido.

Não sei como não morri. Apesar de continuar cuidando de meu menino, que sentiu muito a perda do novo pai, sinto-me como que amaldiçoada. Não entendo porque tudo aconteceu da mesma maneira e tomei um medo terrível da vida, de viagens, de relacionamentos.

Tenho que exercer um esforço muito grande para continuar vivendo.

A única coisa que me prende à vida é meu pequenino Davi. Nada mais, apesar de minha família me amparar muito, meu irmão, meus pais.

Levaram-me a ler livros espíritas e estou aprendendo algo sobre esta doutrina, mas, mesmo assim, está muito difícil prosseguir.

Nem mesmo entendo porque repeti com Roberto as mesmas cenas fatídicas que antecederam a morte de Leandro.

Será que sou perseguida por algum mal que haja feito?

Neste caso, todos aqueles que se aproximarem de mim, poderão vir a sofrer. Não posso impedir a sensação de maldição, que pesa sobre mim.

A jovem chorou copiosamente, e Marília prometeu que se debruçaria sobre seu problema e nos pediria alguma explicação e auxílio.

Despediram-se e ficaram de se ver no dia seguinte.

Nossa medianeira foi se arrumar para a palestra e o trabalho de pintura que a aguardavam e voltou a residência que a albergava tarde da noite, cansada, e necessitada de um banho, alimentar-se e descansar.

Porém a jovem Leila não lhe saía da mente e a entidade feminina ainda a acompanhava, chorando muito, apesar de suas preces por ela.

Deste modo, depois de alimentar-se e banhar-se, apesar do cansaço, resolveu conversar com a entidade.

CAPITULO II- DOLORES.

Depois de orar sentidamente, Marília sentou-se à cama e aguardou.

Não demorou muito e a mulher, que ela vira anteriormente, se fez com esforço mais visível, diante de seu olhar.

Continuava a chorar copiosamente, como se não soubesse fazer outra coisa.

—Querida irmã, desculpe se não pude lhe falar antes. Percebo que está sofrendo muito e gostaria de poder, de algum modo, ajudá-la. Pode falar sem receio o que lhe vai no coração. Estou às suas ordens.

A entidade, que parecia não esperar por outra coisa, que não fosse aquela atitude amiga e fraterna, pousou em nossa medianeira os olhos cheios de pranto e começou a falar de forma sentida e dolorosa:

—Eu sou a culpada do sofrimento dela. Eu, mais do que ninguém, e ela não deve se culpar de nada. Meu nome é Maria Dolores. E nenhum outro nome me cairia mais adequado do que este, já que vivi causando “dolores” aos meus entes queridos.

Parou um momento, como se mergulhasse por dentro de si mesma, em busca das lembranças do passado, aparentemente longínquo, a deduzir pela aparência que apresentava, de nobre senhora espanhola de séculos atrás, envolta na atmosfera do domínio mouro na Espanha.

—Como eu dizia, meu nome é Maria Dolores. Lembro-me bem que nasci na Galícia, e fui senhora de bens da nobreza local, em séculos atrás. Éramos felizes, prósperos e descuidados. Minha família remontava séculos de poder e riqueza, e escolhíamos a dedo quem poderia ou não se aproximar de nós. Tudo era feito de forma calculada e meticulosa, os casamentos, os filhos, as propriedades, os servos, os contatos com a nobreza, os negócios.

Assim fui criada sempre voltada aos nossos interesses imediatos, ou visando um futuro sempre feliz e afortunado para mim, para minha família. Tinha uma irmã mais nova do que eu, de nome Lola, a quem muito amava. De certa forma, eu me projetava nela, como que lhe vivia a beleza, a graça, o charme, o encanto, porque ela era, realmente, uma criatura encantadora e bela, digna de amar e ser amada por todos. Tinha mesmo por ela quase que um amor maternal, porque era mais nova, bem mais nova do que eu, e nossa mãe não era muito pródiga em carinhos e atenções.

Neste momento da narrativa, tudo o que Maria Dolores dizia, começou a ser projetado como que em cenas de três dimensões, e tanto Marília quanto ela, mergulharam, por assim dizer, nas cenas que se seguiam de forma clara e sequencial.

Começamos a ver as cenas da casa senhorial, um verdadeiro palacete vetusto e encantador, todo erguido com pedras de um tom meio creme muito agradável. Os pórticos enormes e maciços, as portas de madeira lavrada pesada, o chão como que marmorizado, as escadas amplas, para dar

passagem as damas com seus vestidos armados, e aos cavaleiros galantes, com seus fraques antigos bordados, as peças de mobiliário antigas e bem talhadas, fosse na sala senhorial, onde se davam as festas com seus convidados ilustres, fosse na ampla sala de jantar, com seus quadros e tapetes luxuosos, seus cortinados aveludados, suas almofadas bordadas e seus adereços, nas luminárias e louças antigas.

O ambiente era de um requinte audacioso e, ao mesmo tempo, tradicional.

Tudo respirava uma atmosfera de bem estar, de bom gosto, de refinamento, mas também uma atmosfera de luxo e de regras bastante fortes e radicais.

Sem dúvida, a família de Dolores e Lola, duas moças muito belas e requisitadas, com seus pais bastante exigentes, e os dois irmãos galantes, de nome Rodrigo e Fernando, mas também dedicados às armas, como se isto fosse uma tradição familiar arraigada neles, formava um grupo, no mínimo admirável e atraente, por sua diversidade, beleza e galanteria, bem como seus modos aristocráticos.

Todos pareciam muito bem, relacionando-se de forma agradável e harmoniosa, conquanto se percebesse, no lustro do verniz de sua estirpe, cultura e educação, muito de orgulho e vaidade, um tanto de prepotência e arrogância, bem como o domínio dos interesses econômicos, no bojo de seus contatos e ocupações.

Deste modo, aguardava-se que uma das moças e mais os rapazes concretizassem casamentos, que pudessem beneficiar a família, com aquisições proveitosas para todos.

As festas se sucediam, e, fosse naquele palacete ou em outros, percebia-se a beleza e galanteria dos rapazes e das irmãs, na conquista de seus objetivos, já firmados pela educação e pelos valores transmitidos.

Tudo parecia correr da forma ideada, quando a invasão moura foi se expandindo, e, apesar de manterem o comércio, a liberdade religiosa para cristãos e judeus, tudo desmoronou, por negócios mal feitos do chefe daquele grupo seletos. A nobreza sentia-se mais e mais perseguida e perdia suas posições vantajosas, em meio a acordos que consideravam humilhantes e terríveis.

Um pouco antes do desastre econômico acontecer, contudo, numa das festas, Lola veio a conhecer um nobre, jovem encantador e ligado as artes

marciais, cuja família era de Andaluzia.

A atração entre ambos foi imediata. Pareciam fadados um para o outro.

CAPÍTULO III-CONSTANTINO.

Músicos tocavam madrigais, no salão amplo e iluminado por luminárias da época, e servos serviam acepipes e bebidas aos convivas.

Lola e Dolores estavam em meio aos convidados, seguidas de perto pelos pais, Mario e Doroti, e dos irmãos Rodrigo e Fernando.

As jovens estavam encantadoras, com suas roupas bordadas e rodadas, enfeitadas com as jóias da família, se abanando com leques ricos e sentavam-se em marquesas que adornavam o salão., quando o jovem Constantino, da nobreza de Andaluzia, se aproximou, convidando Lola para dançar com ele.

A jovem olhou para o pai, esperando um sinal de assentimento, e, sendo-lhe permitido, saiu a dançar com o jovem, com seus gestos delicados e harmoniosos.

Lola sentia-se num céu particular, sem si quer atinar porque. Sempre era requisitada nas festas, e mais de um jovem tinha se aproximado a fazer-lhe a corte, mas nunca antes sentira tanta atração pelo seu par, como naquele momento.

Os olhos castanhos de Constantino a fitavam com admiração e ternura, suas mãos se tocavam nos volteios da dança, e ela sentia uma energia diferente a correr dela para com o moço e dele para com ela.

—A senhorita é a moça mais bonita desta festa. Sinto-me profundamente grato por ter aceitado dançar comigo, porque isto me faz sentir-me num céu, junto com os anjos.

Lola corou da galanteria dele, mas sentiu que as palavras dele não eram formais, como quase sempre acontecia naquelas ocasiões. Ele parecia sincero, dirigindo-se-lhe.

—Espero que não esteja me achando inconveniente. Seria um tolo, se não lhe louvasse as graças.

—O senhor é muito gentil, um cavalheiro.

—Gostaria de poder privar mais vezes de sua companhia. Não posso simplesmente conhecê-la e deixar de privar de seu encanto....senhorita...

—Lola, sou da família d'Alencastro, e resido na Galícia. Estamos passando uns tempos em Granada, em casa de alguns amigos de meu pai, porém dificilmente venho para o sul, com minha família.

—Por isto ainda não a tinha visto. Apresento-me, sou o duque Constantino, da família de Alerçon, e qualquer pessoa pode lhe informar sobre nós, que temos nomes ilustres e destacados na sociedade local.

Vou conversar com seus pais, insistindo na possibilidade de que possa me aproximar de sua família, e demonstrar os sentimentos que fez brotar em meu ser.

—O senhor me assusta. É difícil crer que se sinta assim tão atraído por alguém que mal acaba de conhecer.- falou Lola um tanto ressabiada, apesar de se sentir profundamente atraída pelo jovem.

Constantino era um homem bonito, aparentando uns vinte e sete anos, de tez clara e cabelos castanhos ondulados e fartos. Não usava barba nem bigode e seu rosto másculo, com um queixo quadrado, nariz aquilino, lábios bem formados e testa ampla, sustentando um olhar firme e alegre, era acompanhado de um porte atlético, de estatura alta, e estava muito elegante, demonstrando a finura de trato e educação primorosa.

A Dolores não passou despercebida a galanteria do jovem, enquanto a dança durou e, ao trazer pelas mãos a jovem Lola, o rapaz não perdeu tempo e tratou de entabular conversa com o pai da jovem e seus irmãos, demonstrando claramente seu interesse em se aproximar da família, com intenções muito claras e diretas.

Lola estava enrubescida e sua irmã puxou-a de lado, comentando:

—Parabéns, maninha. Parece que você enfeitiçou o moço mais bonito e rico da festa. Todas as moças presentes estão a fuzilá-la com o olhar.

—Pare com isto, Dolores. Acabamos de nos conhecer. Impossível que depois de apenas uma dança ele esteja interessado em mim.

—Não me diga que não sente nada por ele. Parece um deus grego, maninha. Impossível não se sentir atraída por ele. Enquanto você dançava, fiz algumas perguntas à filha da dona da casa, que nos convidou para este ágape. Os olhinhos da jovem brilharam e ela me informou algumas coisas sobre a família dele, sobre seus ancestrais e além da estirpe da família, dos bens que lhes pertencem. Ele é o único herdeiro homem da família e não há

jovem que não esteja em seu encalço. Mas tudo indica que ele escolheu você. Bendita a hora em que aceitamos o convite dos amigos de papai, para virmos passar uns tempos aqui no sul.

—Dolores, você sabe que papai tinha interesse em que eu firmasse compromisso com o filho de nossos anfitriões.

—Bernardo? Pelos céus, Lola, Você seria louca se trocasse este moço por Bernardo, tão sem graça e sem charme. Isto sem pensar em seus bens, que não despertam nenhuma atração. - e Dolores riu muito do próprio comentário.

Novos movimentos de dança, novas falas, e Constantino acabou por conquistar as graças de Lola e de sua família.

Souberam que a família do moço possuía propriedades em Pontevedra, e que ele pretendia se transladar para lá, a fim de gerir os negócios do pai, na verdade, interessado de manter um maior contato com a família d'Alencastro e de alcançar um compromisso sério com a jovem, que se tornara o alvo principal de seu futuro,

Formar com ela uma família, ter filhos, poder privar de seu dia a dia, fazê-la feliz junto dele, era tudo o que Constantino almejava.

Adorava gerir o trabalho no campo, porque a região norte era fértil e muito mais propícia ao plantio, e ele absorvera bem os conhecimentos da agricultura árabe, além das vinhas, que eles não apreciavam, mas que os ibéricos curtiam tão bem.

Não seria para ele nenhum sacrifício se transladar para suas terras ao norte, a fim de se aproximar mais e mais da jovem, que se tornara alvo de seu amor incondicional.

E, deste modo, o namoro, atração e aproximação de Lola e Constantino

se fizeram de forma natural e agradável

para todos e Lola não cabia em si de tanta felicidade.

Dolores também estava feliz, mesmo porque, pelo que os pais lhe deram a saber, a situação financeira da família não estava mais das melhores, e aquele enlace lhes propiciaria algum desafogo, sem que a sociedade presente pudesse saber de suas dificuldades.

Dolores achou que, naquela conjuntura, não deveria preocupar a irmã, porque também ela poderia pensar que aprovavam seu casamento por questões puramente de interesses econômicos, e poderia não concordar.

Conhecia Lola, ela não era tão prática quanto Dolores, sempre fora mais sonhadora, e mais frágil emocionalmente.

Melhor que ela não soubesse como estavam os negócios da família, porque, deste modo, talvez, até pensasse em não firmar o casamento. Sua irmã não se aproximara de Constantino por interesse e nem estava com ele, pelas necessidades que a família estava passando, portanto, melhor que ela não soubesse de nada, assim poderia ser feliz. E Dolores desejava sinceramente a felicidade de sua irmã, pois a amava e admirava.

CAPITULO IV- ENLACE A VISTA

Tudo corria da melhor forma possível.

Lola se sentia a pessoa mais feliz do mundo. Não podia crer que aquela viagem

que parecia tão banal tivesse o
dom de

modificar seu destino daquela maneira.

Quando foi informada sobre a viagem ao sul, não se entusiasmara nem um pouco

Sua mãe lhe dissera que esperavam
que ela e Bernardo pudessem começar um
namoro que os levasse ao casamento.

Lembrava-se de Bernardo, filho de
amigos de seu pai, vira-o algumas vezes na
infância e durante a adolescência e nunca
sentira por ele nada além de algum carinho
meio fraterno.

Ele era uma pessoa sem graça, sem

encanto, que jamais havia atraído
sua

atenção ou a de Dolores ou dos manos.

Também ficara claro, durante sua
estadia no sul, que Bernardo não se sentia

atraído por ela , e era apenas
gentil,
seguindo os ditames, que os
pais lhe

indicavam, mas sem demonstrar nenhum
interesse maior por ela.

Deste modo, viajara conformada com as resoluções dos pais, sem
nenhum sonho na bagagem, sem nenhuma idéia mais animadora com
relação ao seu futuro.

E aí aparecera Constantino e ela se apaixonara perdidamente por ele.

Sentia-se a mais feliz das jovens casadoiras e cada peca do enxoval,
cada encontro ratificavam a felicidade que jamais pensara poder usufruir
um dia.

Os irmãos também adoravam o moço e conversavam animadamente
com ela sobre ele.

—Lola, seu noivo é um caçador de primeira. -dizia seu mano Rodrigo,
chegando animado de um passeio. Acredita que os cães lhe obedecem
muito mais do que a mim, que tem acostumado? -Se não fosse por suas
ordens, teríamos voltado de mãos abanando.

—Adorei os treinos e exercícios que fiz com seu noivo. - comentava
Fernando. -Ele me ensinou algumas coisas muito importantes para o uso
das armas, e no jogo físico de defesa pessoal. Nem meus melhores
comandantes me deram as sugestões e dicas com as quais ele me brindou.

A mãe e seu pai eram só elogios e Dolores estava encantada com
aquele que brevemente seria seu cunhado.

O jovem Constantino deixava-se ficar a maior parte do tempo junto a
nova família, que escolhera por sua, embora trabalhasse com afinco nas
propriedades da família e preparando a casa da fazenda, para ser a futura
morada do casal.

Volta e meia levava a nova família a ver as mudanças que estava
fazendo na propriedade, no sentido de proporcionar o maior conforto a sua
noiva querida, e a família que pretendia formar com ela.

Apesar dos preparativos para o casamento estarem correndo mais rápidos que na maioria dos casos, apesar das famílias se entenderem perfeitamente, Constantino precisou demandar o sul, a fim de tratar de alguns negócios da família, que eram urgentes.

Despediu-se da noiva, prometendo um retorno o mais rápido possível e tratou de seguir com alimária e alguns servos, em sua carruagem senhorial, pelas estradas poeirentas em direção aos locais onde havia conhecido sua “princesa”, como a chamava.

Ao despedir-se dele e ao vê-lo partir, Lola não pode deixar de se sentir apreensiva, como se algo ameaçasse sua felicidade, mas logo se conformou.

Logo ele estaria de volta e, pelo visto, sua vida estaria sempre dividida entre a propriedade ao Norte e as viagens ao sul, no contato com a família.

Isto não podia se constituir em um problema para ambos. Lola não era ciumenta e Constantino era tudo o que ela sempre sonhara ter ao seu lado. Jamais, na verdade, imaginara que pudesse ser tão feliz.

—Pode deixar, que cuidarei bem dela em sua ausência. - falou Dolores com um encanto peculiar e coqueteria, para o futuro cunhado .-Não deixarei que fique muito triste. Vou distraí-la com o enxoval e com tudo o que puder, para que ela o espere cada vez mais linda e feliz.

—Cuide bem dela, para mim. Não deixe que ninguém me roube a felicidade. - e para a noiva;- Cuide-se, meu amor. Logo estarei de volta e nada nem ninguém há de nos impedir a felicidade.

Deste modo, Constantino partiu, e devido as aperturas financeiras de nosso pai,- continuou a contar Dolores- senti que tudo se precipitava para um desastre de proporções dantescas. Nosso pai devia somas vultosas a um mouro, que comandava o comércio com judeus e ibéricos em todo o sul, descendente que era de um xeique, daqueles que haviam vindo da Mauritânia e, aos poucos, haviam dominado toda a península a oeste e ao sul.

Meus pais me mantinham informada, por ser mais velha, dos eventos que nos envolviam, bem como também transmitiam isto aos nossos manos. Resolvêramos preservar Lola, por ser a caçula, mesmo porque o que ela poderia fazer?

Meu pai contava pedir ajuda a Constantino, tão logo ele fizesse parte da família, anexando parte de nossas terras as dele, como parte do pagamento que lhe daria, se ele ressarcisse o mouro das dívidas que havíamos adquirido.

Mas o casamento tardava e o mouro cobrava a dívida feita por meu pai, esperando que a colheita da uva lhe fosse proveitosa.

A colheita não foi tão boa, como esperávamos, porque uma seca se abateu sobre a região e também havíamos perdido parte de nosso rebanho.

Nossos pais temiam que o noivo, ao saber da difícil situação financeira em que estávamos viesse a romper o compromisso, mas eu sabia que Constantino jamais abandonaria Lola ou a nós em situação difícil. Sentia que podia confiar nele. Gostava muito dele, e já o sentia como a um irmão querido, como o marido de minha irmã.

Dolores parou de falar e as imagens se congelaram no espaço.

Marília sentiu que as lembranças eram muito penosas para a entidade, que se apresentava diante dela, como se ainda vivesse naqueles tempos tormentosos, os quais descrevia tão bem.

Que novos eventos seriam desvendados? Marília sentia que um drama incrível envolvia aquelas vidas. Gostaria de poder diminuir a dor que sentia na alma daquele ser, que se desnudava diante de si e pediu mentalmente forças, para dar prosseguimento aquele atendimento, à antiga nobre espanhola, Dolores.

CAPITULO IV- O MOURO.

Enquanto Constantino seguia para o sul Animado e feliz, o chefe da família recebeu uma visita que haveria de transtornar todas as pessoas, que ali viviam.

Era uma tarde calorosa, e os jovens rapazes haviam saído em sortidas pela redondeza, em busca de diversões típicas da nobreza.

Lola e Dolores estavam na sala,
tomando um lanche servido pelos servos

da propriedade, deixando de lado seus bordados, por momentos.

Ouviu-se um tropel de cavalos fora e as jovens pensaram que eram os irmãos, que voltavam de suas sortidas, mas se enganavam.

Não demorou muito e um servo entrou um tanto assustado, e perguntou pelo pai das jovens. Instando a procurá-lo nos cômodos particulares, tratou logo de ir ter com ele.

Um visitante inesperado esperava para ser recebido na casa dos nobres d'Alencastro.

As moças jamais o tinham visto antes, e nem se davam conta da seriedade daquela presença inesperada.

Sem mesmo se dar conta do que ocorria, as jovens viram seu pai descer um tanto quanto pálido e dirigir-se à sala onde faziam suas recepções à nobreza, suas festas.

De onde se encontravam podiam ver e ouvir tudo o que se passava na sala ao lado, e também podiam ser vistas.

Dolores pressentiu que algo muito sério estava acontecendo, mas como o pai passasse por elas apressado, e nada dissesse, fez com os dedos sinal de silêncio a Lola e ficou a espreita, esperando o que se seguiria.

Não demorou muito e o servo introduziu no ambiente um homem de alta envergadura, moreno e de olhos muito penetrantes e fortes, cuja cabeça estava encimada por um turbante oriental de seda, vestido a caráter, com uma espada curva à cintura.

O jovem trazia uma barba espessa e bigodes escuros e parecia muito jovem.

Lola sentiu-se, de um modo que não conseguia explicar, como que ameaçada pela presença do moço.

Após um salamaleque a título de saudação, o jovem passou a conversar com seu pai, sobre coisas que ela não conseguia entender, mas que Dolores percebia muito bem.

O moço falou das dívidas pendentes, e cobrou a possibilidade de tomar algumas terras dos habitantes daquele pequeno castelo, incrustado

nas melhores terras do Norte.

O pai tentava negociar, e Dolores pediu a Lola que ficasse quieta, mas ela não conseguiu se conter.

Levantou-se e, sem que a outra a pudesse impedir, adentrou o cômodo ao lado, de onde o jovem visitante a vinha observando discretamente:

—Papai, o que está acontecendo? Quem é este homem? Porque julga ter direitos que lhe permitem apropriar-se da propriedade nossa? Com que direito ele invade nossa casa, como um ladrão?

O pai se ergueu num ímpeto, indignado e humilhado com a intervenção da caçula, e disse com firmeza:

—Lola, minha filha, isto é conversa entre mim e este cavalheiro. Recolha-se ao seu quarto e depois irei lá, para lhe explicar o que acontece. - e dirigindo-se à visita:-

—Desculpe, El Tarik, pela intromissão de minha filha Lola. Peça desculpas ao cavalheiro por seu arroubo e retire-se.

—Eu é que peço desculpas de estar criando este incomodo a tão linda senhorita. Jamais me perdoarei por isto. Permita que me desculpe. - falou o moço com uma vênia.

Ao invés de responder, contudo, Lola saiu em prantos, correndo em direção a escada que levava aos quartos.

Dolores entrou, fez uma vênia ao moço e subiu atrás dela.

Não podia mais continuar a mentir a sua irmã, sobre a situação difícil em que se encontravam. Lola precisava saber e o namoro e casamento já marcado seria a salvação de todos.

Com este pensamento, ela subiu as escadas e procurou a caçula.

Aos poucos, foi colocando Lola a par dos acontecimentos, do empréstimo que seu pai fizera, no sentido de conseguir com a colheita e comércio dos vinhos ressarcir o mouro, como ela o chamava, sem, contudo, conseguir.

Lola ficou desolada. Jamais imaginara que sua família estivesse nas mãos daquele homem, que, aos seus olhos, parecia um demônio a lhe roubar a felicidade.

Porem, o jovem El Tarik ficara encantado com Lola e diminuiu o arroubo de sua cobrança, prometendo pensar em um meio melhor de cobrar a dívida.

Com isto, os D'Alencastro passaram a receber-lhe a visita, e a tolerar-lhe a presença em sua casa.

Dolores e Lola, contudo, não suportavam o moço.

Um dia, em que estavam a sós, Dolores comentou com Lola:

—Lola, maninha querida, sei que você não tem malícia e não percebeu, mas o mouro parece interessado em você.

—Está louca, Dolores? Eu nem olho na cara dele, quando aqui vem.

—É verdade. Você o hostiliza sempre que pode, retira-se da sala, evita-lhe o toque, não lhe dirige palavra, mas, mesmo assim, ele está encantado com você e sei que acabará por declarar-se algum dia. Se não o fizer a você, que o evita, falará com nosso pai.

—Pois, então, você, que as vezes fala com ele, faça-o saber que estou noiva de Constantino e com o casamento marcado. Faça-o saber que amo e sou amada por meu noivo e que jamais, entendeu, jamais aceitarei ter qualquer coisa por ele, além do desprezo.

Dolores suspirou e continuou:

—Você não precisa agir deste modo. Ele não lhe fez mal algum, na verdade. Nosso pai não devia ter se endividado com ele, isto sim. Agora não há o que fazer. E nós fomos educadas para sermos gentis com todos, educadas, simpáticas. Pára de hostilizar o moço, Lola. Isto não faz bem nas relações com nosso pai.

—O que você deseja de mim? Você vê que ele me tem enviado presentes, e que eu tenho devolvido. Ele chega e eu me retiro. Se ele me fala, eu fico muda. Quer que eu mude, para que? Para dar-lhe falsas esperanças? Não sou obrigada a isto, por Deus, Dolores. Não vejo a hora de Constantino retornar. Ele vai ficar furioso quando souber da reviravolta que nossas vidas sofreram, e vai tomar providências.

—Você vai conseguir com isto a morte de um dos dois, por um duelo, maninha. Pense bem.- falou Dolores suspirando.

Lola percebeu que as coisas eram muito mais sérias do que ela pensara a princípio.

—Você não pode, simplesmente, mexer com os brios deste mouro, Lola.

—O que você quer? Já não deixei claro a ele que o odeio? Vou lhe dizer que amo Constantino e prefiro morrer a me casar com ele, ouviu?

—Deixe de ser mimada, Lola. O que vai ganhar espicaçando este mouro? Não pensa em nossos pais, que já estão idosos e precisam de nós?

—Case-se você com ele! -falou Lola arrebatada.

—Eu o faria sem vacilar, maninha, para ajudar nossa família. Não tenha dúvidas que eu o faria, mas ele não está apaixonado por mim, infelizmente. Se fosse assim, tudo já estaria decidido e resolvido. Não sou tão egoísta como você!

Lola ficou transtornada com os argumentos de Dolores. Amava a irmã e na maioria das vezes sentia que ela a protegia, a mimava mesmo. Preferia que não houvessem discutido.

Esperava que Constantino voltasse. Quem sabe ela poderia explicar-lhe as dificuldades em que se viam e ele pudesse, de algum modo, ressarcir o mouro das dívidas de sua família, e aí se consorciariam e seriam felizes.

Falaria com o pai e com Dolores e adiariam qualquer resolução até a volta de Constantino. Sempre seria para ela uma humilhação ter que recorrer a ele, já que o amava e não desejava ser-lhe pesada em nada. Ao contrário, era sempre a noiva que entrava com um dote, nas relações e compromissos matrimoniais.

Mas não via outro meio de conseguir se safar daquela situação que dia a dia se tornava mais e mais constrangedora para ela.

Sentia mesmo certa aversão ao mouro, talvez até porque eles estavam dominando toda a península e isto era humilhante para os antigos senhores da região.

Com esta idéia, enviou um mensageiro a Constantino, solicitando seu retorno o mais rápido possível.

Comentou com Dolores sobre as providências que pensava tomar e a irmã apenas aquiesceu, como se concordasse.

Contudo, Dolores tomara ciência da imensa fortuna amealhada por Tarik e, comparando a posição dos dois pretendentes, concluiu que o melhor, naquela ocasião, seria que sua irmã se casasse com o mouro, ainda que não o amasse.

Afinal, pensava ela, as mulheres sempre eram feitas meio de troca nas relações, a benefício das famílias e com eles não podia ser diferente. Lola acabaria por se conformar e aceitar a situação, pelo que ela representava de benefícios a sua família.

E, pensando deste modo, interceptou a mensagem da caçula,

Os dias se passavam e Lola percrustava o horizonte, na espera de notícias do noivo amado. Por que ele tardava? Era sempre tão solícito aos seus pedidos, e agora, quando ela mais precisava dele, porque não vinha em seu socorro?

Tarik, com a aquiescência de seu pai, passara a freqüentar a casa, e ficavam a sós na sala ampla, a fim de se conhecerem melhor.

Como isto era possível, estando ela ainda comprometida com Constantino?

Numa das vezes em que estavam juntos na sala e que Tarik fazia-lhe confidências de amor, prometendo-lhe felicidade, Lola o interrompeu e, mesmo não querendo ferir os brios do jovem, falou de maneira firme e decidida:

—Não sei se meu pai lhe informou, mas estou, por minha palavra e honra, comprometida e noiva de um jovem, da região de Andaluzia, de nome Constantino, que precisou viajar, a fim de tratar de uns negócios de sua família e conto casar-me com ele, não apenas porque dei minha palavra, mas porque o amo, desde o primeiro momento em que pus nele os meus olhos. Estou certa que, sabedor deste fato, o senhor não terá motivos para insistir em nosso contato, e que encontraremos um meio melhor de lhe pagar o empréstimo que meu pai fez do senhor, mesmo porque, não é de bom decoro comprar os favores de uma família, ou de uma mulher, usando esta artimanha, humilhante para o senhor e dolorosa para mim.

O jovem Tarik, que não sabia ao certo sobre o antigo voto de Lola, fez-se lívido e seu rosto deixava transparecer a imensa dor que as palavras da jovem haviam lhe causado.

Levantou-se caminhando pelo aposento, tentando concatenar as idéias e demonstrar controle, diante do inusitado. Por fim, olhando-a nos olhos falou de modo delicado e incisivo:

—Em nenhum momento imaginei que lhe causava tamanho incômodo, com minha deferência. A senhorita não me conhece, e isto pode lhe causar este mal estar. Mas, se me permitir fazer-lhe a corte, haverá de perceber que sou um homem fiel, honesto, sincero e saberei cativá-la, sem lhe ferir os brios ou forçar seus sentimentos. Seu pai não me referiu que estava comprometida, porque, se eu soubesse, jamais teria alimentado qualquer esperança a nosso respeito.

Ao contrario de se deixar envolver pelos modos gentis do jovem mouro, Lola pareceu ficar ainda mais indignada com ele e retrucou:

—Meu pai não lhe referiu e isto não foi correto. Talvez ele pensasse quais as medidas que tomaria, a fim de se ressarcir a contento com respeito a nossa dívida. Mas eu peço desculpas por ter-lhe referido como me sinto. Parece que sou mercadoria de troca, mas já enviei um mensageiro solicitando que meu noivo retorne o mais breve possível, e aguardo que ele chegue, para lhe solicitar que pague nossa dívida para com o senhor.

Tarik estava perplexo com a maneira como ela se lhe dirigia. Muitas moças se sentiriam honradas e felizes com sua corte, mas aquela jovem o repelia, como se lhe tivesse uma aversão.

—Admiro sua coragem e determinação e invejo o feliz mortal que conquistou seu coração de forma tão definitiva. Quer me parecer que minha presença lhe é penosa, que me tem mesmo certa aversão, pela animosidade que demonstra.

—Peço-lhe perdão se fui indelicada, grosseira mesmo, mas creio que o senhor merece, no mínimo, a consideração da sinceridade num assunto tão delicado, quanto uma relação entre nós.

—Não precisa desculpar-se, senhorita Lola. Sou-lhe grato por sua sinceridade para comigo, ainda que isto me magoe profundamente e tudo farei para conquistar-lhe as graças, porque estou certo que não sabe ainda avaliar a enormidade do sentimento que fez nascer em mim, porque tudo faria para torná-la a mais feliz das mortais.

Lola teve, naquele instante, certo arrependimento, por estar causando aquele jovem estranho tanta dor, como ele demonstrava, mas sentia alívio de ter falado da maneira como o havia feito, para que nenhuma ilusão pairasse entre eles, porque, realmente, aguardava Constantino, para que ele resolvesse aquela difícil situação.

Contudo, os dias se passavam e o noivo adorado não retornava.

Tarik continuava vindo regularmente à sua casa, e Dolores passou a tratá-lo com uma deferência que antes não lhe tinha, como se acumpliciasse com ele, no tentame de dobrar a resistência da irmã.

Uma tarde, quando se viram a sós, Lola a arguiu, de forma contundente:

—O que aconteceu com você? Parece que, de uma hora para a outra, passou a tomar partido de Tarik contra mim?

—De onde tirou esta idéia, Lola? Enlouqueceu? Parece que não entende o que está acontecendo conosco. Não percebe que este homem tem em suas mãos a dignidade de nossa família. Que ele pode, de um momento para outro, destruir tudo o que construímos durante séculos de esforço e união? Onde você está com a cabeça. Entre Constantino e Tarik, não há termo de escolha. Tarik é muito mais rico e está apaixonado por você. É capaz de qualquer coisa para fazê-la feliz, e você parece ignorar o perigo em que nos encontramos. Não importa se papai agiu de forma perigosa, e nos colocou diante deste impasse. Trata-se de um pequeno sacrifício, para salvar a todos. Fosse comigo e não teria nenhuma dúvida quanto a que atitude tomar. Parece que nada nem ninguém lhe importa! Você está demonstrando um egoísmo terrível.

—Mas eu amo Constantino e ele me ama! Isto para vocês não significa nada? Tarif não se envergonha de forçar uma união que sabe me é repulsiva?

—Por que repulsiva? Ele não é nenhum monstro. Pelo contrario, é um belo homem e muitas moças dariam qualquer coisa para ser alvo de sua escolha.

—Se é assim, porque você não se insinua, por que não o conquista e me deixa a salvo desta... desta sentença cruel?

— Sentença cruel? Ora, Lola não seja dramática! Você fica aí esperando que Constantino volte, mas ele não respondeu a sua carta, nem retornou. Temos um prazo para aceitar o acordo com Tarif, e o tempo está acabando. Não há mais o que fazer. É tornar tudo o mais suportável e agradável possível.

Lola percebeu finalmente que não podia contar com a irmã, que sempre concordava com ela. Não entendia a ausência de Constantino. Talvez ele ficasse sabendo, de algum modo, da situação financeira difícil em que se encontravam. Talvez isto o tivesse levado a se ausentar e também o impedisse de voltar.

Afinal, os boatos danosos sempre corriam ao vento, como se ninguém os tivesse lançado ao ouvido de alguém, ou deixado que a boca o proclamasse.

Talvez fosse isto, e, neste caso, Constantino não a amava como havia dito, e ela não podia mais contar com ele. Mas, meu Deus, como amava o noivo e como sentia por Tarif algo que identificava como aversão.

Chegou a pensar em dar cabo da vida, e deixar todos mergulhados nos problemas que haviam gerado. Só tinha este meio de fugir ao compromisso que lhe era imposto, praticamente.

Infelizmente a maioria das pessoas se deixa levar por esta saída trágica e sem volta. As criaturas, quando se vêem fora das escolhas, a fazer o que não desejam, quando estão assoberbadas de problemas que não sabem como resolver ou de situações humilhantes e constrangedoras, transformam o desespero em depressão e desamparo, e mergulham no que julgam ser a solução única e intransferível.

Como se não bastasse o próprio desejo de aniquilação definitiva, segundo raciocinam, ainda atraem para si multidões de infelizes, que também optaram por esta ação, ou outros que, por algum motivo, lhes desejam a queda, a perda, o ato fatal.

Estamos imersos em um oceano de vibrações, de pensamentos, e de entidades desencarnadas, que atuam de forma evidente, consciente ou inconscientemente, em nossas vidas terrenas.

Infelizmente poucos se dão conta do que acontece e vêm a sofrer os ataques psíquicos de encarnados e desencarnados, a lhes impulsionar as escolhas, ora desastrosas, ora sublimes.

Tudo é uma questão de sintonia. Por isto Jesus proclamou a necessidade de orar e vigiar, para não cairmos em tentação.

Mas Lola não optou por orar, nem por vigiar, mergulhando num poço fundo de desesperança e abandono.

Passou a odiar tudo e todos, a família, a irmã, Constantino, Tarik. A vida para ela estava insuportável, e foi preciso que muitos antepassados se cotizassem, povoando-lhe os sonhos e atuando em seus pensamentos, a fim de evitar que ela perpetrasse o ato fatídico, que estava planejando.

Chegou a adquirir um veneno, através de criaturas desavisadas a quem recorreu, sem que os familiares percebessem, mas, naquela contingência, os seus mentores conseguiram que uma serva aparentemente desavisada, lançasse fora o frasco com o pó, e ela não conseguiu mais encontrá-lo, entrando em maior confusão ainda.

Teria Dolores a seguido e descoberto o que pretendia?

Já não confiava na irmã, que se aproximara dela, como se a quisesse apoiar em tudo, e ampará-la naquele difícil transporte.

—Conte comigo, Lola. Sei e entendo o seu desespero, minha irmã. Não pense que sou indiferente ao seu sofrimento. Apenas não estou vendo saída e estou revoltada com a demora de Constantino em retornar. Temo que alguém lhe tenha referido a situação de provável penúria em que estamos. Para papai será a prisão, por não honrar seus compromissos, veja como ele anda abatido, cabisbaixo. Para nós será a enxovia, Preferia morrer a passar pelo que estamos passando.

Lola estranhou aquelas falas sobre morte, era como se a Irma estivesse a ler seus pensamentos.

—Melhor mesmo nos seria morrer, do que viver em desonra. - falou quase que maquinalmente.

—Lola, minha querida, não diga isto. Não pense em morte, porque a vida cuida de dar soluções, dia após dia. Veja como tudo mudou para nós em tão pouco tempo. Estávamos tranquilos, viajamos e ai surgiu em sua vida Constantino. Voltamos para cá felizes, fazendo planos, e ai descobrimos que estávamos falidos, mais do que isto, que podíamos perder tudo. Então nosso próprio algoz nos propôs uma saída honrosa, ainda que não seja de nosso agrado.

—Não vejo este casamento como uma saída honrosa, Dolores, muito pelo contrario, esta imposição dele e de nossos pais, para mim é um insulto, me sinto pior do que uma escrava, me sinto vendida, atraçoada.

—Ninguém lhe pede que seja amásia de Tarik, pelo contrario. Casando-se com ele, você vai participar da sociedade de uma forma mais ampla, mais destacada. Pense que esta escolha não é nossa, mas a única saída que Deus nos deixou. Que você vai constituir uma família, deixar descendentes, que poderão honrar nossa estirpe.

Nossos irmãos ainda não conquistaram nenhuma moça com um bom dote e eu pareço amaldiçoada, já que não há nenhum cavaleiro que tenha se interessado por mim.

Dolores falava com tal inflexão na voz, que Lola chegou a ter pena da irmã, como se ela se sentisse rejeitada pelos rapazes de suas relações.

—Já que você acha tão propício montar uma família sob estas normas, o ideal seria que você se consorciasse com alguém, que nos propiciasse uma saída, com seu casamento

—Parece que Deus não quis assim. Você é a única tábua de salvação que existe para todos nós. Por favor, Lola, faça este sacrifício e procure ser

feliz. Esqueça de uma vez por todas Constantino. Para mim parece bem claro que ele se afastou. Por que não mandou si quer uma carta, uma notícia por portador? Será que não imaginava que sua ausência poderia causar-nos transtornos, mais ainda, causar a você algum tipo de sofrimento?

Dolores tocava no ponto fraco de Lola. Sabia como ela estava fragilizada, no momento, com a ausência de Constantino, como pusera nos ombros dele a salvação sua e de sua família.

Isto, a ausência dele, naquele momento, era o que mais a fazia sofrer, acima dos ditames dos pais, da insistência da irmã, do descaso dos irmãos, que viam, em seu casamento, uma saída pra todos, a ausência do homem amado, em quem depositara todos os seus sonhos de mulher, era o que mais a machucava, acima de tudo.

Como amava Constantino, como sonhara em ser sua esposa, mãe de seus filhos, de partilhar com ele uma vida inteira, cheia de amor, de filhos, e de cumplicidade!

Melhor seria nunca tê-lo conhecido, para vê-lo sair de seu caminho sem uma explicação, sem nada.

Lola não sabia como agir, estava totalmente perdida, sem forças, sem vontade de viver, de lutar. A ausência de Constantino naquele momento de tanta desdita, com a insistente corte de Tarik, parecia um pesadelo em fim.

A família que sempre ela tivera como seu porto seguro, a quem ela se ligava pelos laços de afeto, e a quem amava com todas as forças de sua alma, parecia que a traía, que vilipendiava seus mais nobres desejos e sofrimentos e a enclausurava viva, numa desdita sem fim, nem razão.

Então a vida se resumia nisto. Não se podia confiar em ninguém. Era obrigada a seguir os interesses de seus entes queridos, como se isto fosse algo pré determinado, antes mesmo de seu nascimento.

Por outro lado, Tarik vivia a lhe enviar presentes. Flores, doces exóticos de sua pátria, jóias preciosas, tecidos, brocados, obras de arte, tapetes. colchas adamascadas.

Nada daquilo mexia com seu coração. Colocava tudo de lado e Dolores recolhia, mostrando-lhe a beleza do gesto e a preciosidade dos presentes.

O tempo estipulado por Tarik estava chegando ao fim, e o pai de Lola enviou um mensageiro, com uma missiva, em que colocava Constantino a

par das resoluções familiares, rompendo definitivamente qualquer compromisso entre Lola e ele.

Ao mesmo tempo procurou as autoridades locais, a fim de tratar das festas que coroariam o enlace e expediu convites às pessoas mais proeminentes, com as quais se relacionava.

Tarik participou de tudo, contribuindo regamente com as despesas do ágape que coroaria o enlace seu com a amada de sua escolha.

A ele não importavam as razões da aparente recusa da noiva. Ela a haveria de conquistar, com seus modos e sua dedicação.

Ele estava esperançoso de uma ligação afetiva, que acabaria por concretizar com Lola, porque ela acabaria por ceder aos seus esforços, para a conquistar.

Em nenhum momento passou pela sua cabeça que não ombrearia com aquele ex noivo, Constantino, a quem ela jurara amor e a quem não esquecia.

O ser humano tem estas atitudes ilógicas, irracionais e mesquinhas, quando só percebe os outros, como objetos de seu desejo e cobiça, e esquece o respeito e a bondade que devem orientar as relações. Seja em casos particulares, de grupos ou coletividades, a imperiosa verdade é a de que os seres humanos, movidos por seus desejos esquecem o respeito aos que não pensam como eles. Tudo se resume a uma falta de sensibilidade, para com os pensamentos e sentimentos alheios, fugindo a qualquer tipo de compreensão e entendimento dos outros, sem compaixão nenhuma, para com seu semelhante.

Quantas tragédias, quantos dramas, quantas injustiças foram perpetradas por milênios, baseadas no desejo, na cobiça, na ganância, ambição e sentimentos egoístas, movidos pelo orgulho e pela prepotência.

Mas Tarik não pensava assim, nem percebia a enorme imposição que exercia sobre aquela que era o móvel de seu amor, segundo sua maneira de pensar. Jamais lhe passaria pela cabeça se culpar do sofrimento que via nos olhos dela, e sua mãe o reprovou duramente, dizendo-lhe:

—Ignorar o sentimento de sua futura esposa, não é a melhor maneira de se iniciar um relacionamento afetivo.

Dizem que o amor é cego. Embora isto não seja verdade, devemos concordar que o jovem mouro estava cego pela paixão, que é um amor

ainda não sublimado, e contava que bastava sua vontade para torcer os acontecimentos.

Deste modo, tudo se apressou para o enlace entre Lola e Tarik, e ela não via nenhum modo de mudar o rumo dos acontecimentos em que se vira envolvida.

Dolores pensava que a irmã caçula acabaria por se conformar, e até viria a se apaixonar pelo noivo, embora sentisse certa aversão para com ele, um preconceito por suas origens, achando que melhor lhe seria ter Constantino por cunhado. Mas o destino resolvera em contrario, e ela e sua família, ela e Lola não podiam mais fazer nada, com relação a isto.

Pensava que Tarik estava feliz e cego, com a atitude passiva de Lola, e que Constantino devia estar recebendo a carta de seu pai, rompendo o compromisso, e talvez isto o levasse a voltar rapidamente para o Norte.

Porém, por mais rápido que ele fosse, não chegaria a tempo de impedir o consórcio de Lola, e isto era o melhor, naquele momento, para o futuro de sua família.

CAPITULO V- ENFIM CASADOS

As festas foram, no mínimo, portentosas, com a presença dos dignitários eclesiásticos, com a nata da sociedade local, ricamente vestida, adornada de jóias, levando seus presentes, cada um mais rico e encantador que o outro, e com dias e dias de comemorações, no vetusto castelo em que moravam os D' Alercon.

Finalmente Lola veio a conhecer mais de perto a família a qual pertenceria, dali para diante, e estava num marasmo tão grande, que apenas agia de forma mais ou menos mecânica e educada, atendendo o protocolo milenar, que conhecia daqueles eventos.

Ainda pensava em morrer, porque, sabia que finalmente as dívidas de sua família foram liquidadas.

Não queria se entregar ao seu marido, desejava morrer, mas um sentimento religioso de pecado, com relação ao autocídio, a impedia.

No Plano Espiritual o trabalho para impedir-lhe o ato insensato se fazia de forma bastante evidente, com um nobre ancestral, mais evoluído,

trabalhando incansavelmente pelo equilíbrio da jovem esposa.

O noivo não cabia em si de contente. Todos podiam sentir-lhe a felicidade estampada no semblante e nos modos.

Da mesma forma, também nã passava despercebida a tristeza da jovem nubente, embora ela se desdobrasse em atenções para todos, de uma maneira polida e gentil, educada.

Lola pensava seriamente em dar cabo da vida, sabendo que viajaria para o Sul, para tomar posse do local onde passaria a viver junto do marido.

Não se decidira se morreria a caminho

do sul, ou quando chegasse ao local
escolhido para sua moradia.

Como não dispusesse mais do veneno,
decidira-se por se enforcar, onde e quando
encontrasse meios de fazê-lo.

Ela não sabia, ao se dirigir para as estradas que demandavam o sul, que, terminada as bodas, o noivo Constantino chegara à propriedade, sem entender bem o que estaria acontecendo.

Dolores o colocou a par do desfecho havido e o aconselhou a procurar esquecer

e tratar de sua vida, com outra jovem, com outra família.

O jovem não conseguia entender. Por que a mulher amada se casara com outro?

Por que não o esperara, como haviam combinado?

Por que não entrara em contato com ele?

Precisava vê-la, ouvir de seus lábios que ela não o amava mais,

Não era com Dolores que ele tinha que se entender, nem com seus pais.

Precisava olhar nos olhos de Lola, ouvir dela a sentença do seu rompimento.

Atordado e infeliz, demandou de volta ao sul, procurando notícias dos nubentes, que lhe seguiam à frente.

Numa das estalagens em que pernoitou, o estalajadeiro não deixou de demonstrar a satisfação de ter albergado ali os nubentes, elogiando o mancebo mouro e seu séquito de servos, o que o enfureceu ainda mais.

Como a chuva estivesse castigando quem se aventurava nas estradas, apesar da seca, que anteriormente havia castigado a região, deixou-se ficar com seus servos mais um dia, antes de prosseguir. Pensava, o que faria, se encontrasse os dois? Desafiaria o mouro para um duelo mortal? E com que direito o faria, se sua ex noiva o tinha acolhido por esposo? Se dirigiria a ela e cobraria sua desdita?

Estava num ímpeto cego e louco, mas sem quaisquer perspectivas de como agir, do que fazer, diante do inevitável.

Naquele dia, em que se deixou ficar, travou contato com um clérigo, de nome Marshal, que também ficara na estalagem, a espera da chuva diminuir. O clérigo se aproximou naturalmente dele, entabulando conversa

Aos poucos, Constantino se abriu com ele, contando sua desgraça, o que lhe passava pela alma desesperada.

O religioso o ouviu com calma, e fez-lhe ver que sabia do enlace e até participara das festas. Com muito tato, tratou de acalmar o mancebo, animando-o a seguir sua vida, sem pensar em bobagens, já que nada havia que pudesse ser feito a respeito do ocorrido.

—As famílias da região Norte são abastadas e orgulhosas. O casamento, pelo que me foi dado saber, estava atrelado a dívidas do pai da noiva, para com o rapaz, que perdoou tudo, desde que ela o aceitasse por marido. Eu não deveria estar a lhe referir o que fiquei sabendo, porque temo que isto lhe acenda no coração falsas esperanças.

Você deve se conformar e seguir sua vida. Haverá outras jovens tão ou mais belas e virtuosas do que a jovem Lola.

Você precisa esquecer tudo o que houve, se quiser ser feliz.

O sacerdote ainda argumentou com ele, fazendo-o perceber que nem tudo na vida acontece como a gente programa ou quer, que há um poder maior que nos dirige e que, se a ausência de Constantino havia provocado uma mudança radical nos planos dele e de sua ex noiva, é porque teria havido uma intervenção divina.

Apesar das ponderações do religioso e dos argumentos cheios de ponderação e racionalidade, Constantino não se deu por convencido. Seguiria os noivos e não descansaria enquanto não pudesse falar a sós com Lola, e saber dela exatamente o que sentia por ele e porque havia concordado com aquele casamento, ao invés de esperar por ele, ao invés de buscar sua intervenção.

CAPITULO VI- TRAGÉDIA A VISTA.

Ao dias foram se seguindo e, apesar do carinho de Tarik para com sua esposa, ela fugia ao seu contato, mergulhando num mutismo desconcertante.

Ele se desvelava em atenções, para que a viagem fosse agradável, e para que as paradas obrigatórias pudessem propiciar-lhes o melhor em conforto e descanso, mas a esposa estava abatida e distante, parecia mergulhar mais e mais em idéias nocivas, fechando-se num silêncio constrangedor.

O jovem casal era seguido de perto por Constantino e seus servos, que estavam preocupados com o desassossego que se apoderara dele, sem nada poder fazer.

Ele os seguia, mas parecia não querer estar no mesmo local em que eles estavam, ficando sempre um pouco atrás de sua caravana.

Estava ferido, enraivecido e desesperado, mas nem ele mesmo sabia exatamente o que pretendia, só sentia que precisava ver Lola, star com ela, ouvir de seus lábios que não o amava mais.

Somente assim aceitaria aquela união que considerava vergonhosa e mercenária. Lola se vendera, sem reagir, ou a família a obrigara a este enlace. Ele só queria que ela explicasse isto a ele, e, mesmo ao custo da própria vida não desistiria de seu intento.

Aquilo era o móvel de sua perseguição obsessiva e sem tréguas.

Sem saber disto, o jovem casal seguia a viagem, sem conseguir um entendimento entre eles.

Lola só pensava em dar cabo da vida, mas imaginou em fazer isto tão logo chegassem ao seu destino, a casa onde iriam morar juntos, e viver em união. Em nenhum momento pensou em entregar-se ao esposo, em formar com ele uma família. Quando ela morresse, Constantino saberia que ela se conservara fiel a ele, apesar de jamais lhe perdoar a ausência, que, segundo pensava, selara seu destino.

A resolução das pessoas envolvidas naquela trama, anunciava uma tragédia de contornos cada vez mais tenebrosos. O ex noivo, roído pela dor e pelo desespero, querendo fazer uma cobrança pessoal, a noiva, desalentada, meditando qual a melhor forma de encontrar a morte e o noivo infeliz, desalentado, sem saber exatamente o que fazer, para recuperar sua segurança e conquistar o coração da mulher amada. Casara-se, era verdade, conseguira atingir a concretização de seu sonho, mas era como se uma barreira intransponível existisse entre eles.

Por mais fizesse, a fim de tornar a viagem mais amena e agradável, a esposa sonhada parecia não perceber sua dor e seu amor.

O que ela pensava conseguir com aquela atitude? Parecia sentir por ele desprezo, aversão, ódio mesmo.

Por mais que tivesse amado o antigo noivo, não podia ignorar que estava ligada a ele, para sempre, que lhe devia, ao menos respeito e consideração, que ele tinha todo o direito a coabitar com ela, e concretizar aquela união. Afinal era isto que se esperava de uma esposa, por quem ele lutara ferrenhamente, por quem ele demonstrava estar disposto aos maiores sacrifícios, em demonstrações de afetividade, amor infinito, dedicação total.

Numa das estalagens de pouso, ele a procurou com a voz tomada por emoção e carinho:

—O que pretende agindo deste modo? Quer me matar de desgosto? Será possível que não mereça da senhora o mínimo de consideração e de respeito? Por quanto tempo pretende me castigar e humilhar, apesar de eu não me cansar de demonstrar-lhe o quanto representa para mim, e como desejo vê-la feliz? O que é preciso fazer, para conquistá-la?

Lola pensou em responder com toda a magoa represada dentro de si mesma, dizer-lhe que desprezava a maneira como ele conseguira executar o enlace entre ambos, mas algo, naquela demonstração de humildade e carinho, a tocou por dentro, apesar da determinação e desalento em que se via.

Ele saberia logo que ela preferia morrer a entregar-lhe a menor parcela de atenção e carinho.

Tarik tentou tocá-la, a fim de beijar-lhe os lábios, mas ela entrou a chorar tão sentidamente, que ele desabou diante dela, creditando sua atitude ao amor que ainda sentia pelo seu ex noivo, que ele não conseguia superar, por mais fizesse.

Com isto, retirou-se dos aposentos que lhe haviam sido reservados e saiu pela noite, infeliz e entristecido.

A conquista do amor de Lola estava sendo para ele muito mais difícil do que julgara a princípio.

Por que ela agia daquele modo? Não percebia como feria seus brios de homem, como o machucava por dentro?

Por que não se deixava amar, pelo menos? Por que não permitia que ele a tocasse, que a beijasse, que lhe demonstrasse carinho, amor e tudo o que desejava lhe dar?

Ele não era alguém desprezível, grosseiro, sem caráter. Agira pressionando sua família, por que percebia que ela não aceitaria sua corte, com naturalidade.

Ao saber do antigo noivo enchera-se de ciúmes, de zelos, de cuidados.

Mas o noivo, mesmo sendo chamado, pelo que lhe foi dado saber, não viera em socorro dela.

Então porque aquela atitude de rejeição a ele?

Caminhou pela noite, sentindo-se o menos amado dos homens da face da terra. Começava a perder a esperança de conquistar Lola, como desejava.

Retornou aos seus aposentos, após acalmar-se com o ar da noite, e a beleza das estrelas no firmamento. Sentia-se pequeno diante de tanta beleza

da natureza.

Será que o Criador de tudo se importava com seu sofrimento, com sua desdita? Chegava quase a se arrepender de sua insistente e vitoriosa decisão com relação aquele casamento.

Retornou aos aposentos e trocou de roupa, procurando o leito. Percebeu que Lola estava acordada e que se encolhia do outro lado da cama, como se temesse que ele a procurasse.

Voltou-se e no escuro do quarto falou mansamente:

—Não se preocupe, minha senhora. Prometo que jamais a tocarei, enquanto fugir a qualquer contato comigo. Jamais será forçada a me amar, a ser minha, embora isto fosse a obrigação de uma esposa.

Lola sentiu-se aliviada com as promessas dele. Afinal, daria cabo de sua vida tão logo chegassem ao seu destino.

CAPÍTULO VII- ENFIM EM ANDALUZIA.

Quando a carruagem atravessou a ponte que cortava o rio Gualdaquivir, Lola suspirou fundo. Naquela mesma noite, pretendia terminar de vez com sua existência, demonstrando a todos seu desagrado, fugindo aos compromissos assumidos com o esposo, diante de sua religião, e provando a Constantino que não o esquecera, que ainda o amava.

A cidade, cheia de casas claras e belas, se desvendou diante de seu olhar distraído, com seu cenário encantador e secular.

Lola estava cega a tudo e a todos.

O belo palacete, todo engalanado com flores e bandeirolas coloridas, com seus servos sorridentes e gentis, mal podiam entender sua indiferença, seus modos arredios, a pressa em adentrar os cômodos e fugir ao contato com as pessoas.

—A senhora está cansada e indisposta com a viagem. - falou o nobre mouro, dispensando todos aqueles que os cercavam com tanta afabilidade, inclusive seus familiares. -Nos veremos mais a noite, após um descanso, na festa preparada para ela.

Lola entendeu, mas não se deixou tocar, nem pela beleza do edifício engalanado que os recebia, nem pelos familiares e servos que os

obsequiavam com sua atenção.

Nada parecia impressioná-la, nada parecia sensibilizar sua figura esbelta e pálida.

Foi levada aos seus aposentos e sua bagagem com ela, e servas prestimosas se dispuseram a guardar suas roupas e pertences e propiciar-lhe um agradável banho.

Ela deixou-se conduzir, procurando não ser ríspida com ninguém. Afinal, ninguém tinha culpa da forma como se sentia.

Logo tudo estaria terminado.

Observou a madeira que guarnecia a cama, e prendia o cortinado ao redor da mesma, e pensou que era bastante forte, para suportar-lhe o peso e servir para o fim que desejava.

Escolheu com cuidado a roupa com a qual desejava morrer, e pediu as servas papel e tinta, para poder grafar uma carta de despedida para os seus.

Dirigiria a mesma a Dolores, que, mais do que os outros, sabia o que ela sentia e pensava. Ela deveria ser a portadora de seus últimos pensamentos e desejos.

Talvez que, somente então, entenderia como ela estava se sentindo, já que não se comovera com seu sofrimento e praticamente lhe pedira para aceitar a corte de Tarik.

Lembrou-se, por instantes, das palavras do esposo, durante a viagem na hospedaria, no quarto que lhes havia sido destinado, e achou admirável que ele a houvesse respeitado, apesar do grande amor que jurava sentir por ela, e do direito que tinha de concretizar sua união.

Por um momento, sentiu certo remorso, pelo modo como o vinha tratando.

Mas foi somente um momento de vacilação. Aquele homem era o causador de seu sofrimento, fizera com que ela o aceitasse por esposo, destruía seus sonhos com Constantino, não respeitara seus sentimentos, julgara que a podia comprar e obrigar a fazer o que ele quisesse.

Não. Ela não recuaria de sua decisão.

Revelou que desejava descansar um pouco, para estar bem, durante a recepção que lhe fariam logo mais à noite, e exigiu que elas se retirassem, mesmo sem terem conseguido ainda organizar no quarto todos os seus pertences.

Afinal, nada mais lhe importava.

Quando as jovens saíram, ela se sentou à uma mesa de anotações, com duas gavetas e escreveu, com letra um pouco trêmula:

“Querida Dolores,

Quando leres esta, por certo, eu já não estarei mais entre os vivos.

Que você, nossos pais e irmãos, nossa família, por quem me sacrifiquei, saibam que, tendo feito tudo o que me era imposto, posso partir tranquila.

Todos estarão bem e, se Deus me perdoar, já que não me deixaram qualquer saída, parto sem culpar ninguém pelo meu ato.

Quero que meu esposo possa ser feliz.

Diga a Constantino que faço isto também, para cumprir o que lhe prometi um dia, que não seria de nenhum outro homem.

Perdoem-me e orem por mim.

Lola.”

Leu o bilhete meio desligada da seriedade do que acabara de transcrever.

Não quis mudar nada, nem destruir o que escrevera.

Pensou em descansar um pouco e depois realizar o gesto tresloucado e infeliz, mas seguiu automaticamente em direção aos seus pertences.

Escolheu uma echarpe, cujo tecido lhe pareceu mais encorpado, para suportar-lhe o peso, e amarrou a ponta do mesmo na trave do cortinado do leito.

Na outra beirada fez um laço de força e o passou-o em torno do pescoço.

Subiu no leito e preparou-se para dar um forte salto, lançando-se no ar, em direção ao solo, na certeza de que o movimento brusco e decidido haveria de causar-lhe a morte.

Nisto, sem que ela percebesse, Tarik entrou no aposento às escuras. Por um momento, pareceu adivinhar o que Lola estaria tramando, porque se lançou rapidamente em direção a ela, quando ela se lançou no ar e a susteve nos braços fortes.

Ela mal se deu conta da presença dele, porque seu gesto decidido lhe causara tanto horror, que desmaiara, sem perceber exatamente o que acontecia.

Horrorizado com o que ela pretendia fazer, o jovem desatou o laço e a ponta do lenço e deitou-a delicadamente no acolchoado primoroso, enquanto lágrimas lhe caíam no rosto moreno.

—Lola, meu amor. O que ias fazer, pobre criança? Mergulhar tua alma nos infernos, somente para se livrar de mim?

Sentou-se à cama, e deixou que o pranto o tomasse totalmente. Sabia que precisaria tomar cuidado, para que ela não realizasse seu intento.

Andou pelo aposento, e encontrou sobre o reposteiro a carta de despedida.

Leu seu conteúdo e achou maluco que ela desejasse a ele que fosse feliz, que não o culpava. Mas também lhe doeu a afirmação do juramento que fizera ao ex noivo.

Sim, a jovem que escolhera tinha caráter, era arrebatada, sincera e certamente jamais o amaria.

Não fizera bem em conseguir o casamento sonhado da forma como conseguira.

Mas ele a faria feliz, pelos céus, ele a faria feliz, apesar de tudo.

Deitou-se ao lado dela e acariciou-lhe os cabelos, o rosto. Ela parecia estar desmaiada, porque não reagiu desta vez. Ele deixou-se ficar a contemplá-la embevecido e preocupado.

Quando ela acordou, um lindo vestido jazia sobre o leito, e servas vieram para ajudá-la a vestir-se. Ela não conseguia entender. Lembrava-se bem dos detalhes, de tudo.

Como amarrara o lenço a madeira, como fizera o laço e o passara pelo pescoço, como se lançara com força ao ar, para se matar.

No entanto, estava viva, e o marido não dizia nada, não lhe explicava o que havia ocorrido.

Não aguentando mais, dirigiu-lhe a palavra:

—O que aconteceu?

—Nada. - ele lhe respondeu mirando-a nos olhos. -Deus não quis que você morresse, e me ordenou que a salvasse.

Lola fitou-o perplexa e dirigiu o olhar ao local onde deixara sua carta de despedida.

Mas ela já não estava lá.

Quis perguntar, mas não ousou.

Deixou que a vestissem, que a ajazessem, enquanto ele esperava no reposteiro.

Em seguida, deu-lhe o braço e se dirigiram ao imenso salão de festas, onde os convidados a esperavam, com salamaleques e gentilezas.

Lola estava profundamente abalada com o que tinha acontecido. Não conseguira realizar seu intento tenebroso. Tarik a tinha salvo e com isto talvez houvesse salvo sua alma do inferno.

Ele não aparentava estar abalado com o que havia acontecido. Os servos não demonstravam nenhum desconforto. Era mais do que certo de que ele a salvara, como afirmara. E falara que Deus e não Allah, o havia escolhido para a salvar. Aquilo mexia com sua maneira de pensar, seu modo rancoroso para com ele. Pelo menos lhe devia a salvação de sua alma. E isto não era pouco, já que ela, com sua escolha, desistira disto.

Olhou-o junto aos convidados, sereno, como se nada houvesse acontecido. Não era possível que o que ela fizera não tivesse mexido com sua maneira de pensar e agir.

Jurava que a amava, mas tivera a prova de que ela preferia morrer a ser sua. Como conseguia aquele domínio, diante do que acontecera? Sem dúvida, seu marido a impactava, mexia com sua determinação.

Não podia deixar de admirar seu controle, a maneira elegante como se portava diante de todos, e principalmente diante dela.

Afinal, quem era mesmo o homem com quem se casara?

CAPÍTULO VIII – UMA SURPRESA INESPERADA.

Os dias foram se sucedendo uns aos outros e Tarik escolheu uma ama, a qual orientou que deveria estar sempre ao pé de sua senhora, todo o tempo, dedicada e firme.

Era uma senhora muito ágil e perspicaz, que parecia conhecer o mouro, desde que nascera, e tinha por ele uma afeição que surgira através dos anos, e que era uma benção na vida dele.

A mãe e os irmãos tentavam se aproximar de Lola, mas ele evitava a influência deles, sempre receoso de que ela voltasse a tentar contra a própria vida.

Saía durante o dia, em atenção aos muitos negócios, mas sempre que possível estava presente, e a levava a conhecer os lugares mais belos e aprazíveis da região.

Presenteou-a com um cavalo de raça, e um potro que nascera, dando ordens para que atendessem a senhora em tudo o que pedisse.

A velha serviçal, de nome Yasmin, a seguia como uma sombra e, apesar de a princípio isto incomodar Lola, a maneira gentil como se portava, fez com que, aos poucos, se sentisse cativada por ela.

Tarik, lembrando-se de que a esposa gostava de bordar, providenciou teares e material os mais ricos e coloridos, bem como tecidos desenhados, para que ela pudesse se distrair, durante o dia.

Também buscou uma professora que lhe ensinasse sua língua, e sobre seus costumes.

Impedia a todo custo que a aborrecessem, e quis saber se desejava tocar algum instrumento, para lhe providenciar professores de música.

Parecia sempre estar atento a tudo o que a pudesse agradar, mas nunca a procurava, quando estavam a sós em seus aposentos.

Era como se respeitasse, finalmente, o desejo dela de jamais ceder aos seus desejos.

Isto, de certa forma, fez com que ela passasse a respeitá-lo e a ser grata pelas atenções que lhe dispensava.

Um dia, quando tomavam uma refeição a sós, à tarde, ele lhe disse:

—Ao ler sua carta de despedida, percebi que, de todos os membros de sua família, sua irmã Dolores é a que mais lhe causa confiança. Deste modo, escrevi-lhe uma carta, sem contar o ocorrido, convidando-a a passar um tempo em nossa companhia, com o fito de agradar a senhora, para que não se sinta isolada e sozinha, em nossa casa.

Lola quis dizer que não fazia questão da irmã, pelo que sentia na forma como ela se conduzira para com ela, mas ficou sem palavras, porque percebeu que o esposo estava, com esta atitude, tentando alegrá-la, de algum modo.

Estranhou, contudo, que a vinda da irmã não lhe causasse a felicidade que ele julgara que ela sentiria, e percebeu também que estava se acostumando a nova vida, e que sentia prazer com a presença dele, ao seu lado.

Às vezes em que ele não podia estar com ela, sentia sua falta, de um modo indefinido.

Ao contrario do que ele imaginara, a vinda de Dolores à sua casa lhe causara uma apreensão, um desagrado, mas não conseguia dizer-lhe, porque nem a si mesma conseguia explicar o que sentia.

Seria natural que ficasse feliz com a vinda da irmã, que sempre lhe significara tanto, mas porque se sentia invadida por um desgosto funesto, por quase um pressentimento de mal, com a visita e estadia da irmã?

Ele estranhou-lhe os modos, porque julgara que ela ficaria contente com sua surpresa.

—Por quê? A presença dela não lhe agrada? Ela ficará entre nós pelo tempo que você desejar e permitir, minha querida.

Fazia tempo que ele não se referia a ela, com aquelas palavras de afeto e isto a fez corar.

”Querida”, - ele dissera e ela sentia que o fizera sem intenção alguma, de forma espontânea, e percebeu o quanto isto a agradara.

Estranhava suas reações e as mudanças que sentia dentro de si mesma. Verdade que o atentado contra si mesma havia quebrado algo por dentro, e lhe causara uma mudança significativa.

Sentia-se outra pessoa, mais compreensiva, mais frágil e mais flexível.

Parecia que a antiga Lola morrera e uma nova Lola nascera em seu lugar.

E esta nova Lola não sentia nenhum prazer, nenhum conforto, nenhuma alegria com a vinda de sua irmã, aos seus domínios. Era como se houvesse se esquecido de toda sua família, das pessoas pelas quais vivera, e pelas quais aceitara consorciar-se.

Estaria com raiva, ressentimento pelos seus, pelo que a haviam obrigado a fazer? Claro que não esquecera Constantino, mas agora, em sua mente, ele não movera um dedo para ajudá-la.

Não conseguia mais confiar nas pessoas.

Porém Tarik era diferente de todos os que ela conhecera. Merecia ser amado. Gostaria de ter se apaixonado por ele, e as coisas poderiam ter sido diferentes.

Os modos dele a cativavam. Percebia como os servos o adoravam, como os amigos o procuravam, lhe pediam conselhos, como sua família o

apreciava e respeitava suas resoluções.

Um dia em que ele brincava com os cães, deu de pensar que até os animais pareciam cativos por ele.

O riso alto do rapaz chamou-lhe a atenção. Tinha uma voz bonita e harmoniosa, e seus dentes eram brancos e bem postos.

Como não havia notado antes, como ele era bonito e cativante?

Seria possível que seu ódio por ele, por havê-la escolhido e feito tudo para se casar com ela, a houvesse cegado?

Começou a observar o modo como ele andava, se sentava, como a olhava, como se dirigia a ela ou aos demais, como tratava os animais e os servos, como se conduzia diante daqueles que o tentavam ludibriar, como se brincasse com estes, como se os conhecesse e soubesse conduzir, sem ficar irritado ou magoado com eles, de um modo natural e cheio de sabedoria.

Ela se enganara ao julgá-lo mesquinho e pretensioso, autoritário e prepotente.

Em suas atitudes ele demonstrava um amadurecimento acima de sua idade. Aliás, nunca se perguntara quantos anos ele tinha.

Não era o filho mais velho, nem como ela o caçula.

Era um dos filhos do meio, contudo, era o líder da família, até o pai o respeitava, todos ouviam seus argumentos e diretrizes, confiavam nele.

Pensando nisto, perguntou-lhe um dia:

—Quantos anos você tem?

Ele pousou nela os olhos escuros e sorriu:

—Por que deseja saber? O que se passa nesta cabecinha? O que andou a lhe referir Yasmin?

—Ela não me contou nada. É muito discreta, você sabe, mas eu fiquei curiosa e quero saber. Isto é algum segredo?

—De forma alguma. Conto completar no próximo mês trinta anos de vida.

—No próximo mês?- espantou-se ela. -E não disse a ninguém? Não vai festejar a data? A vida é um bem precioso, deve ser festejada.

Falara aquilo impensadamente, mas ao se ouvir deu-se conta do absurdo de sua afirmação. Não fora ela mesma quem houvera menosprezado a vida, atentando contra a sua?

Ele a observava divertido, como se lesse seus pensamentos.

—Pois seus desejos são uma ordem para mim, minha senhora. Escolha o que deveremos fazer, para festejar meu aniversário, e tudo se fará segundo sua vontade.

—Não estou acostumada com seus modos e escolhas. Nem saberia por onde começar. - falou apreensiva.

—E por que deveria ser de nosso jeito? Você é a dona de meu solar, você é quem manda nele. Decida o que fazer, e tudo será feito pelas suas ordens.

—Mas não conheço ninguém, não sei a quem contratar, onde comprar as coisas para os festejos, que alimentação servir, e onde comprar os mesmos pertences, bebidas, enfeites, tudo.

—Pedirei aos meus irmãos e servos que lhe mostrem tudo, os locais onde adquirir alimento e enfeites, onde contratar músicos, como arranjar as luminárias, enfim, faça uma lista de tudo o que deseja preparar, e deixe o resto conosco.

Lola pensou em retrucar, mas pensou que era uma oportunidade de demonstrar que não era uma inepta, sem iniciativa e sem ação, e sentiu que gostaria do desafio e mais, de proporcionar a Tarik uma festa inesquecível, digna dele.

E pensar que tudo começara com sua curiosidade de querer saber a idade do esposo.

Até se esqueceu da apreensão de saber que Dolores estava a caminho.

Tinha um mês para preparar tudo, expedir os convites e decidir o que serviria aos convidados.

Estava decidida a causar ao marido uma boa impressão, para que ele ficasse feliz e se orgulhasse dela.

Tratou de começar pelos convites, que ela mesma traçaria a mão.

Estava decidida a impressioná-lo positivamente. Afinal, ele não media esforços para agradá-la e ela devia ser, no mínimo, grata.

Animada com a festa pôs-se a trabalhar no dia seguinte, pedindo a Yasmin, e aos cunhados orientação para a festa que desejava organizar.

CAPITULO IX – A FESTA.

Lola mergulhou com disposição na tarefa de organizar uma festa.

Foi com Yasmin aos mercados, seguida por servos fieis, encomendou os arenques, os legumes, as carnes, os vinhos e todos os condimentos necessários a organização dos acepipes.

Falara com os cozinheiros e ajudantes, antes de encomendar tudo, informando quantas pessoas seriam convidadas.

Com os cunhados conseguiu a lista dos convidados, das pessoas das relações com a família, e tratou de escrever os convites com sua letra bonita e artesanal.

Estava aprendendo com sua professora de língua e costumes, a escrever palavras em árabe. o que achava bem difícil, mas também aprendia sobre os usos e costumes da família da qual fazia parte, ainda que isto não a agradasse.

Tudo parecia difícil e ela se sentia como se houvesse de repente mudado para outro país, um local fora do ambiente a que estivera acostumada.

Conheceu os músicos que haviam tocado em seu casamento e os contratou para a festa que organizava.

Encontrou num bazar luminárias exóticas e diferentes, que para ela remetia as histórias das mil e uma noites, das coisas que ouvira relatar na infância, ora alegres, ora bizarras.

Sem dúvida as flores e as luminárias, mais a musica criariam uma atmosfera diferente, maravilhosa mesmo, no cenário doméstico.

Também encomendou enfeites que seriam colocados à entrada da mansão e pelo percurso das carruagens que trariam os convidados.

Toda a frente da mansão teve um tratamento especial, para demonstrar a satisfação que motivava a festa.

Procurou pedir a todos que guardassem segredo com respeito aos detalhes do que estava empreendendo, querendo com isto causar admiração, surpresa mesmo ao aniversariante.

Yasmin mantinha, contudo, Tarifk a par do que ela estava fazendo, e recebia dele orientação de como auxiliar a jovem nos preparativos, a fim de que ela não apenas ficasse satisfeita, mas também fizesse do evento uma demonstração de sua capacidade e talentos.

Queria que ela fosse apreciada pelos seus amigos e familiares, e que isto ficasse para ela também evidente.

Não pensava na festa como algo para agradá-lo ou para lembrá-lo, mas sim algo que a fizesse feliz, reconhecida e apreciada por todos.

Deste modo, Lola, sem perceber, estava como que fazendo sua estréia como esposa de Tarik naquela festa, e não no dia de sua chegada, com a festa que a recepcionara.

Tarik a cativava com seu jeito de ser, sua alegria espontânea, seu respeito por ela, sua dedicação, seu amor.

Ele percebia isto e era nesta esperança que alicerçava sua alegria com a festa, e não com tudo o que estava sendo preparado.

Lola começava a gostar dele, e era este seu maior desejo.

Admirava a jovem, seus predicados, sua determinação, o amor que demonstrara pela própria família, até mesmo sua disposição ao que ela considerava um sacrifício, ao se casar com ele, e sempre confiara que um dia ela o haveria de amar, percebendo não apenas as qualidades dele, mas que seria fácil gostar dele, pelo muito que a amava.

Quando a escolhera, não saberia definir o porquê desta escolha, de vez que muitas moças se insinuavam para conquistá-lo.

O coração tem razões que a razão não entende, isto era uma verdade incontestável, para ele..

Poderia ter se apaixonado pelas jovens de suas relações, também descendentes dos antigos invasores da península, falando a mesma língua, incorporados aos mesmos padrões, costumes e religião, mas não.

Ao ver Lola soube, naquele momento, que ela era a mulher de sua vida, aquela por quem seu coração passaria a pulsar.

E, finalmente, ela começava a corresponder aos seus anseios. Desafiá-la para organizar sua festa de aniversário fora um stratagem. Não sabia como ela reagiria a isto, mas ela parecera não apenas aceitar o desafio, mas abraçar a idéia como algo que lhe dava prazer.

Deste modo, Tarik acompanhava até com certa ansiedade os preparativos para a festa, contribuindo, por baixo dos panos, para que tudo saísse da melhor forma possível, impecável, até mesmo deslumbrante, e ele fingiria se surpreender positivamente com a mesma.

Os próprios servos e familiares, chamados a participar, abraçaram a alegria dele, contribuindo da melhor forma, para que tudo saísse muito além do que seria esperado.

Lola mal se dava conta de como tudo se encaixava tão perfeitamente, assim que lhe surgia alguma idéia de como conduzir as comemorações.

Pela primeira vez, durante muito tempo, sentia-se feliz, motivada, cheia de disposição e energia, e mais, com idéias que lhe surgiam de inopino, como se do nada, a alguma observação que fazia do marido, alguma coisa que ele referia, alguma escolha que ele expressara, e que antes não lhe havia chamado a atenção.

Dir-se-ia que Lola se sentia num céu particular e intransferível, naquela azáfama em que se vira mergulhada.

Sim, porque quando nos dedicamos a qualquer obra meritória, visando a felicidade de alguém, tudo em nosso corpo se ajusta de uma forma tão harmoniosa e perfeita, que nosso cérebro acende na região temporal um ponto luz, um ponto Deus, segundo as últimas descobertas científicas, e nos sentimos felizes.(*).

Lola encontrara finalmente a tão sonhada felicidade. Que ela passasse a agir de forma a não perdê-la de forma alguma.

Com a mudança de atitude dela, o ambiente na mansão de Tarik mudou completamente, e todos demonstravam uma alegria natural e deliciosa, que contagiava todos os envolvidos.

Ele também demonstrava no semblante um contentamento, que havia desaparecido, desde seu casamento.

(*)-nota de rodapé- estes estudos foram comprovados por Danah Zohar, formada em Harvard, com uma equipe de neurofisiologistas indianos, no início deste século, nos E.U.A.

É sempre assim, em todos os grupos humanos. Basta que uma pessoa seja inserida ou retirada dele, e todos têm que se acomodar aquela nova situação.

Basta também uma única pessoa modificar sua atitude, e as demais se contagiam por isto, para melhor ou para pior.

Como encontramos grupos equivocados, por não atenderem as normas de um líder, passivo ou ativo, que vê mais além, que pode mostrar-lhes quais as melhores atitudes e escolhas, e o grupo não percebe. Mas este ser que se destaca, seja em grupos familiares, comunitários ou de grandes coletividades, embora sofra muito, com a incompreensão alheia, faz toda a diferença, no momento de sua atuação ou mesmo depois.

O cristão é sempre chamado a intervir em todas, repetimos, em todas as circunstâncias, sejam elas individuais, familiares, coletivas, em quaisquer

áreas do sentimento, dos modos, do caráter, da ética, da moral, na economia, na política, e ficamos aturdidos quando as pessoas se esquecem disto e prejudicam aqueles que têm disto consciência e procuram intervir, de forma espiritualizada.

A maioria acha que quem intervém não é bom, e por isto até hoje os bons tem se sujeitado aos maus. É uma maneira covarde e equivocada de agir, que tem impedido o bem de se expandir e se impor.

A esperança de que o mal não vá exercer o seu poder, de que tudo vai mudar, sem que se exija uma mudança, através da ação, tem criado condições de expansão aos maus encarnados e desencarnados em todas as épocas.

Isto se constitui num engano, numa falta de responsabilidade, de visão mesmo do papel que devemos exercer em nosso dia a dia, frente a quaisquer problemas que se apresentem.

Diante disto, o trabalho dos servos do Cristo tem sido muito difícil, porque a massa aceita a imposição do mal, se deixa levar pelas mentiras, se deixa enganar pela própria escolha.

Parece-nos se repetir a cena dantesca, da multidão perante os senhores do Sinédrio e da autoridade de Pilatos, na sua escolha louca e maléfica:

—“Barrabás! Barrabás!”

E como eles mesmos proclamaram, “que o sangue do inocente caia sobre nós e sobre nossos descendentes, até a terceira geração!”

Pena que não percebiam, porque antes deviam agir como a multidão que desejava dilapidar a adúltera.

—”Aquele dentre vós, que estiver sem pecado, seja o primeiro a atirar a pedra!”

Mas, na mansão de Tarik, a festa já começara no momento em que Lola modificara sua atitude antes de aversão e raiva mesmo.

E, quando ela mudou, a festa se iniciou para todos os moradores daquela casa.

Tarik o percebia com aquele seu jeito maduro de discernir, e Lola ainda não entendia bem o porquê de tanta mudança dentro de si mesma.

As festas iam chegar e Dolores vinha pelas estradas, disposta, de algum modo, a intervir na vida da irmã, mais uma vez.

Sempre fora muito manipuladora, usando sua inteligência, para concretizar os fins a que se propunha, e, na cabeça dela, o mouro, como ela

nomeara o cunhado, de forma preconceituosa a desdourá-lo, não teria a última palavra. Tudo faria para afastar sua irmã dele, para destruí-lo, esquecendo de que fora a principal articuladora daquele casamento, que ela tinha agora por maldito.

Finalmente o dia das festas comemorativas do natalício de Tarik chegou, e estava um tempo ensolarado e bonito.

Bandeirolas foram estendidas pelo percurso, como se todos devessem saber e comemorar a data.

À entrada da propriedade, um caminho de flores e luminárias, que seriam acesas durante a noite, engalanava todo o percurso.

As carruagens recebiam à entrada uma bandeira que devia ser colocada no assento do cocheiro, com o brasão da família do aniversariante, e também um brinde de presente, para celebrar a data.

Os servos estavam ricamente vestidos e calçados, para a ocasião e alguns cavalos tinham tido as crinas e rabos enfeitados com fitas entrelaçadas com as cores da família.

Lola escolhera para si mesma um lindo vestido azul, que destacava sua cútis e beleza, e usava as jóias que o marido lhe presenteara.

Um diadema coroava a cabeleira basta, enfeitada por cachos e caracóis.

Trazia uma linda mantilha tecida por mãos primorosas, a enfeitar-lhe o perfil nobre e gracioso.

Mas a felicidade é que lhe emprestava a beleza maior, porque a mulher, quando se sente feliz, torna-se mais bela, irradiando o que lhe vai na alma.

Seu desejo era agradar Tarik, surpreende-lo pela primeira vez na vida, já que não fizera senão hostilizá-lo todo o tempo.

As paredes da sala foram guarnecidas com tecidos primorosos, e formavam o cenário de uma imensa tenda que tivesse saído do deserto, para abrigar os convidados.

Tapetes, almofadas, em cadeiras e sofás confortáveis.

Um tablado fora erguido, onde se viam os músicos, que haviam sido contratados e que tocavam e cantavam, usando instrumentos diferentes, e cujo som sublimava o ambiente.

Tarik, ao chegar a mansão, ficou agradavelmente surpreso, porém sua expectativa fora superada pela amada esposa.

Sem dúvida, a festa por si só já era para ele uma declaração de amor, porém o primor e os detalhes colocados em cada recanto, confirmavam suas mais gratas esperanças.

Ao vê-la, à entrada a sua espera e dos convidados que vinham chegando, achou-a mais bela do que nunca, e com uma expressão de felicidade que o comoveu profundamente.

Não podia haver no mundo alguém mais apaixonado do que ele, e sentia-se recompensado pelos dissabores que tivera, desde que a escolhera, fosse pela insistente demonstração de desagrado de sua família, fosse pela aversão que ela demonstrara com relação a ele.

O olhar de Lola lhe dizia que algo mudara dentro dela. Não estava feliz somente pelo fato de poder demonstrar-lhe sua capacidade em organizar a festa, mas o fazia com algo mais do que dedicação ou desafio, percebia-se que Lola fizera tudo por amor, um amor que ela mesma ainda não era capaz de identificar e aceitar.

Tarik beijou-lhe as mãos, fitando-a nos olhos , demonstrando admiração e amor.

Lola enrubesceu, sentindo um prazer que até então não se havia concedido.

Tão logo se viu ao seu lado, sem a indiscreta observação dos convidados, perguntou, não contendo a própria ansiedade:

—Como é, Tarik, a festa está a contento? Consegui surpreendê-lo?

—Muito mais do que isto, minha querida. Não apenas me surpreendeu, mas me fez muito feliz, o mais feliz dos homens, pelo carinho que me demonstrou, com seu trabalho. Lola, eu te adoro.

Ela não esperava tamanha declaração, como resposta. Bastava-lhe saber que ele apreciara o que ela tinha organizado.

Mas os músicos tocavam e ele a tirou para dançar.

Lola se sentia nas nuvens. Como houvera negado a si mesma a felicidade de estar nos braços daquele homem, diante de todos?

Ele apreciava tudo o que ela organizara, os convidados demonstravam também apreciar os festejos, e ela se sentia, pela primeira vez em muito tempo, feliz e recompensada.

São raros os momentos em que os seres humanos podem, de um modo simbólico, tocar com os dedos os Céus, momentos em que se sentem

apreciados, valorizados, amados por aqueles que o rodeiam e que lhe importam.

Poucas pessoas podem ter tido em algumas ocasiões, este sentimento de felicidade, de reconhecimento, de satisfação, como Lola sentia, naquele momento, como Tarik percebia em seu coração.

Tudo conspirara para aquele momento mágico de encontro de duas almas, colocadas em posições tão díspares, em culturas distintas, mas que conseguiam um entendimento que fugia ao comum.

A família de Tarik, que fora a princípio contrária à escolha do moço, finalmente se rendia, diante da demonstração de afeto que Lola demonstrara em todo o esforço para que aquele dia, aquela festa fosse coroada de êxito.

Eles reconheciam que havia algo entre o casal, que não se podia combater.

Os servos, os convidados, os familiares e Lola eram só felicidade.

Lola presenteou o esposo com um par de babujas de prata, que ele deveria usar para cavalgar em passeio.

As mesmas haviam sido confeccionadas por um artesão dos melhores do local e fora já motivo de comentários na região.

Quando chegou o momento do jantar, o cheiro dos pratos antecipou a primorosa escolha dos condimentos e das iguarias.

Todos se acomodaram, ao som da música que continuava, e provaram pratos exóticos, deliciosos, acompanhados por refrescos locais e vinhos caros.

A noite foi desenrolando seu tapete de estrelas, diante de todos e os nubentes estavam num céu particular.

Ele só tinha olhos para ela, e ela o via com os olhos do amor, finalmente.

Depois do bolo e das canções festivas, os convidados foram se retirando aos poucos, levando consigo gratas lembranças da memorável comemoração.

Os servos recolhiam o que podia se constituir de restos dos acepipes, ou objetos em desalinho, e os familiares de Tarik vieram cumprimentá-lo com seus presentes, e agradeceram a Lola pela noite primorosa.

Perceber que os seres que Tarik amava a apreciavam também, causou a Lola uma satisfação íntima sem limites.

Quando o último convidado se retirou e o casal ia se recolher, uma carruagem parou diante da porta principal.

Era Dolores que chegava de viagem, estranhando as bandeirolas que vira pelo caminho, os enfeites, as luminárias.

Um servo anunciou a presença da recém chegada.

Ao contrario do que Tarik esperava, Lola recebeu a irmã com demonstrações de frieza cordial. O quarto dela já estava preparado e ela pediu a um servo que acompanhasse a irmã, alegando cansaço.

A Tarik pareceu, então, que a presença de Dolores como que azedara o ânimo da amada, e se recolheram ao aposento que lhes era reservado, quase que imediatamente.

Lola foi se despindo dos adornos, da roupa primorosa, do diadema à cabeça, das jóias.

Tarik a observava, preocupado com a mudança que vira nela:

—Algo a aborrece, minha querida? Não tenho palavras para lhe agradecer pela linda festa com a qual me brindou. Não tenho como lhe demonstrar o que me vai na alma. No entanto, parece que a chama que vi em seu olhar se apagou. Fiz algo que a tivesse aborrecido?

Lola o fitou desarmada. Como lhe contar que não estava feliz com a chegada de Dolores? Se ele a fizera vir, com o intuito de agradá-la?

—Não. Você não fez nada! Se a festa lhe agradou, me dou por feliz também.

E, dizendo isto, aproximou-se dele.

Estava feliz e preocupada. Ele a abraçou e ela deixou-se ficar em seu abraço reconfortada e protegida.

Ele a levou para a cama e a cobriu de beijos.

Lola se surpreendeu feliz com as carícias dele, pensando o que estava lhe acontecendo.

Onde ficara a aversão, o quase ódio que sentira por Tarik?

Sentia-se estranhamente feliz, confortada e queria corresponder àquelas demonstrações de afeto e carinho.

Não era apenas porque Tarik merecia seu carinho, ela estava contente por poder corresponder ao afeto dele. Sentia que ele a cativara com seus modos, que o amava, que desejava que ele fosse feliz, e que isto também a fazia feliz.

Ambos vibravam na mesma sintonia de amor e o contato de seus corpos se fazia de forma natural e agradável, espontânea e carinhosa.

Finalmente ambos estavam em sintonia de amor e entendimento. Lola e Tarik partilhavam do mesmo sentimento e entrega.

Lola até esqueceu da presença da irmã em seus domínios.

Esqueceu de seu amor antigo por Constantino, de sua revolta, de seu ímpeto para o suicídio, porque naquele momento ela sentia amor pelo seu marido e companheiro, e estava feliz consigo mesma.

Tarik percebia que a mulher amada correspondia aos seus desejos, aos seus carinhos, ao seu amor, e isto era o melhor presente de aniversário que poderia desejar.

E a mansão mergulhou num clima de harmonia e carinho, como nunca antes havia conhecido.

CAPITULO X- MUDANÇAS.

No dia seguinte as festas, os servos e familiares perceberam a felicidade de Tarik e de Lola.

A jovem estava nas nuvens. Percebia que houvera se enganado, com relação ao homem com o qual se consorciara, e que o houvera julgado mal.

Agora sentia que podia ser feliz com ele, realmente percebia que ele a conquistara, que o amava e desejava viver com ele uma vida cheia de dedicação e cumplicidade.

Durante o café da manhã, Dolores chegou e cumprimentou-a com um beijo, que não foi correspondido, o que não passou despercebido a Tarik, e ao cunhado estendeu a mão, que ele beijou cerimonioso.

—Pena não haver chegado a tempo de compartilhar as festas de seu aniversário, -falou ela, de modo a ser agradável. -se eu soubera teria me adiantado nas estradas.

Lola não comentou nada e Tarik, educadamente ponderou:

—Foi uma pena, mesmo, mas sua chegada foi um presente a coroar o dia.

Lola pousou nele os olhos cheios de ternura e admiração. Ele devia ter percebido, desde sempre, a aversão que a irmã lhe dedicava, mas, mesmo assim, a fizera vir e era delicado para com ela.

A jovem esposa estava decidida a não permitir mais as interferências de Dolores em sua vida, apesar de reconhecer que indiretamente a irmã a fizera ser feliz.

Tarik não conseguia entender os modos reservados da esposa, para com a irmã, que ele julgava ela adorava, mas debitou tudo ao cansaço causado pelas festividades e à expansão de afeto que havia deflagrado entre eles.

Despediu-se das duas e foi tratar de seus afazeres, enquanto Yasmin as observava a certa distancia atenta a tudo.

—Parece-me muito feliz em sua nova vida. - observou Dolores.

—E estou. - falou secamente Lola, pousando nela os olhos firmes e decididos, acrescentando:- e você não deveria ter vindo.

—Estou surpresa. Você mudou muito desde a última vez em que estivemos juntas. Por que não deseja a minha presença? O que teme?

—Temo você e sua influência em minha vida. Quero deixar bem claro que não permitirei suas ingerências em meus assuntos e nos de meu marido. Espero que nossa família tenha ficado bem e que você esteja com eles, fazendo sua parte.

Dolores começou a chorar sentidamente, dizendo:

—Pensei que tivesse entendido e me perdoado, por forçar você ao sacrifício deste casamento, a benefício de nossa família, mas percebo que me odeia. Não posso fazer muito quanto a isto, mas estou aqui, para ajudá-la a se livrar dele, se for este o seu desejo.

De onde estava Yasmin podia perceber que as duas não estavam se entendendo muito bem, embora não conseguisse ouvir o que conversavam.

Lola ergueu-se indignada, interrompendo sua alimentação:

—Já lhe disse e repito, não permitirei sua interferência em meus assuntos e de meu marido! Se insistir nisto, pedirei a ele que a mande imediatamente de volta!

Dolores não saía do estupor em que as falas da mana a colocavam. Como podia ser aquilo? Ela temera que a outra viesse a dar cabo da vida, por ser constrangida aquela união e agora a via como uma fera enfurecida, com a oferta que lhe trazia de ajuda?

—Não me diga que se apaixonou por este mouro! Você tem noção da distância que existe entre vocês dois? Como pode descer tanto, Lola?

Aquilo era como uma bofetada na cara da jovem nubente, que a olhou, com um brilho enfiado no olhar:

—Já lhe disse, Dolores, não se meta em meus assuntos, e não se atreva a querer me influenciar. Sempre fui cordata, um carneirinho nas mãos de vocês, mas eu mudei! Entendeu? Eu mudei e para melhor! Não permitirei que me faça infeliz novamente!

Se insistir conhecerá o peso da minha ira! Esteja a vontade. Os servos a atenderão em tudo o que necessitar, mas deixa-me em paz!

A Yasmin não passou em branco a observação da zanga de sua senhora com relação as falas da irmã, e, mesmo que não fosse por hora relatar quanto vira, ao seu querido Tarik, jurou que ficaria atenta a Dolores, porque seu sentido feminino e de experiência de vida, mostrava o quanto aquele ser podia ser perigoso e pernicioso a todos.

Da mesma forma que gostara, desde o início, de Lola, sentira uma prevenção para com Dolores.

Nos dias seguintes observou o quanto ela se intrometia e se informava sobre tudo na moradia e nas adjacências e sobre a família de Tarik, e também como Lola fugia de estar com ela, sempre que podia, tratando-a com indiferença e repulsa.

—Porque , - perguntava-se- seu menino trouxera aquela víbora para junto deles? Assim que se sentisse segura para falar, conversaria com ele a respeito, embora não tivesse se sentindo com direito a intervir.

Mas além de vigiar Lola, por quem passara a nutrir profundo afeto, e em quem confiava, vigiava agora a Dolores, sentindo que ela oferecia perigo a felicidade do casal.

E não se enganava.

Dolores ruminava planos, que ela considerava bons e certos, visando o que ela identificava como a felicidade da irmã, achando que a obrigara a um casamento terrível, que ela pretendia desfazer.

Viera, durante a viagem, pensando em como poderia interferir, e um pensamento doentio passou a rondar sua mente interesseira e invigilante.

Para ela, a felicidade de Lola estava com Constantino, e, se possível, tudo faria para reaproximar os dois.

Aos poucos, começou a conhecer os arredores, a sair como se fosse a passeio, sem levar a irmã, que nunca aceitava sua companhia, coisa que a fazia pensar que a outra não a perdoava pelo casamento imposto, quando, na verdade Lola estava feliz com o casamento e não queria que ela atrapalhasse isto.

Em conversa com servos e moradores da região, acabou por descobrir o local onde Constantino estava morando, o que fazia, seus hábitos e planejou cuidadosamente um meio de se aproximar do rapaz, com o fim precípua de fazê-lo, de algum modo, reatar seu amor e seus planos para com Lola.

O jovem casal não imaginava o perigo que o rondava, e somente Yasmin percebia e pressentia que nada de bom acabaria por redundar, na presença de Dolores morando junto deles.

Por isso combinou com alguns servos amigos para descobrir o que a hóspede estaria fazendo, para onde ia nas suas sortidas, o que fazia.

O cocheiro amigo de longa data, a punha a par de tudo quanto podia perceber, ainda que Dolores, muita espertamente, tentasse dissimular os fins de suas sortidas pelas localidades próximas à moradia.

Os dias foram se sucedendo, e para Dolores era inacreditável a mudança havida nos modos de sua rima, principalmente para com ela. Afinal, antes eram amigas, compartilhavam tudo, tinham momentos de alegria, lazer, camaradagem, e agora parecia que Lola fugia de estar com ela, evitava sua presença, falava pouco, por monossílabos, ou de forma agressiva, sempre na defensiva.

Não conseguia saber como, em um tempo pequeno, como ajuizava, Lola pudera ter mudado tanto.

E, por mais ladina e inteligente que fosse, não conseguia realmente perceber o porquê da mudança do comportamento da irmã, principalmente para com ela, nem podia compreender as demonstrações de carinho que percebia entre o casal, já que, na sua maneira de ver, Lola tinha aversão ao marido, como ela também tinha aversão pelo mouro, como ela o apelidara..

Sem perceber o que a irmã tramava às suas costas, Lola descobriu que estava grávida do marido.

Aquela descoberta ampliou ainda mais sua alegria. Tão logo teve certeza, informou o marido do que acontecia.

A felicidade dele não foi menor. Aquilo sim era algo com o qual ele sonhara a vida toda. Ter um filho ou filha, alguém fruto de seu amor, para ampliar ainda mais sua felicidade.

Tarik queria dar uma festa de regozijo, mas ela, temerosa de que pudesse vir a perder a criança, pediu-lhe, por hora, sigilo.

Assim eles partilhavam apenas entre os dois, aquele segredo, sem comentar com mais ninguém.

Porém, Yasmin logo percebeu o que estava acontecendo e, em silêncio, participava da alegria de ambos, esperando o momento em que isto se tornaria tão visível ou tão evidente, que todos passariam a saber.

CAPITULO XI- UM FILHO.

A gestação de Lola passou-se num clima de profunda expectativa e alegria.

Tarik não cabia em si de contente, e a jovem mãe sabia que finalmente estava concretizando um sonho, que nem chegara a sonhar, de tão lindo que era.

Por mais que Dolores tentasse entender quanto se passava, não podia atinar com a frieza e distância com a qual a irmã a tratava, nem como ela podia demonstrar felicidade, depois de tudo que dissera e passara.

Dolores começou a tentar encontrar Constantino, num plano que começara a delinear-se em sua mente doentia, e Lola si quer poderia imaginar o que a irmã pensava em fazer, fugindo aos comentários desairosos dela sobre a família de Tarik e também de quaisquer insinuações da mesma com relação ao amor dela por Constantino, no passado.

Para Lola, Constantino falhara com ela, quando lhe enviara cartas pedindo socorro, e agora ela se sentia profundamente ligada a Tarik, não apenas pelo filho que levava no ventre, como também porque ele a cativara definitivamente, com seus modos e seu amor

Passava o tempo bordando o enxoval e comprando mimos para recebê-lo e logo estava com o berço finamente montado por um carpinteiro, e moldava um cômodo, que seria futuramente o quarto de dormir do herdeiro do casal.

Dolores sugeriu que seus pais viessem visitá-los e, apesar da boa vontade de Tarik, Lola fugiu de tal convite, alegando que a viagem cansaria seus pais e que eles também deviam estar ocupados em ampliar os bens da família e de sua propriedade, após terem saldado as dívidas da mesma.

As atitudes de Lola irritavam profundamente a irmã. Afinal, em sua maneira de ver, Tarik era um marido menor, perto de Constantino, era um “mouro”, e Lola devia agradecer por ela estar tramando para livrá-la dele.

Ela não aceitava, nem entendia o amor que Lola procurava declarar e demonstrar ao esposo.

Aquela mudança para ela era fruto de bruxaria ou de alguma alimentação que era servida à irmã, mas experimentou os pratos e não houve nenhuma modificação em suas atitudes.

Entrementes, Lola criou coragem e pediu a Tarik:

—Meu querido, quero lhe pedir algo, encarecidamente.

—Pode pedir o que quiser e tudo farei para satisfazê-la, meu amor. Precisa de algo? Alguma coisa a incomoda? - falou o esposo solícito.

Lola ficou um pouco constrangida, mas, firme na decisão que tomara, falou:

—Gostaria que Dolores retornasse à casa de meus pais. Creio que ela está se demorando muito aqui, e eles, por certo, sentem sua falta, já que eu também não estou mais em casa. Sabe como são as pessoas mais idosas...

Tarik já havia notado que a presença de Dolores, ao contrário do que ele imaginara ao convidá-la, parecia aborrecer sua esposa, causar-lhe tristeza e até mesmo desgosto, constrangimento.

Porém o estado adiantado de gestação fez com que ele não fizesse perguntas, ficando apreensivo e a pensar o que ocorria entre as duas.

—Se você deseja assim, minha querida, farei o que me pede, ainda que me cause muito constrangimento. Não gostaria que Dolores pensasse que me desgosta sua presença, ou que lhe tenho menor apreço.

Passou a pensar uma maneira de se desincumbir da promessa feita, sem si quer atinar com os motivos da esposa e os meios de fazer-lhe a vontade, de forma a não ferir a suscetibilidade e os brios da cunhada.

Os dias foram se sucedendo e Lola a espera da notícia de que a irmã iria embora, porque ela lhe causava preocupação, constrangimento, tudo como que um pressentimento de que algo muito ruim aconteceria, se ela permanecesse na propriedade.

Tarik ainda não achara uma forma elegante de se sair bem na promessa feita.

Lola, um dia em que estavam a sós, o pressionou e ele disse que tomaria as providências aqueles dias.

Realmente percebeu que não podia mais adiar o que prometera.

Naqueles dias, ele procurou um momento em que pudesse estar a sós com Dolores, e, com muito jeito ponderou com carinho:

—Dolores, espero que esteja gostando de sua estadia entre nós.

—Sim, Tarik. Estou apreciando muito tudo o que venho conhecendo aqui nestas terras. Nunca imaginei tanta diversidade quanto tenho encontrado por aqui.

—Fico contente com isto. Porém, tenho algo para tratar com a senhorita. Fiquei feliz com sua vinda, mas, ao mesmo tempo, me constrange tê-la afastado dos seus pais, que, por certo sentem a falta de Lola e agora, mais ainda, também a sua.

Dolores percebeu que a conversa estava sendo dirigida para um fim que não lhe agradava e tentou mudar de assunto.

—Recebi estes dias uma carta de meus pais, que foram notificados da chegada do seu herdeiro e de Lola, demonstrando o quanto estão felizes com a nova.

Tarik percebeu que a cunhada estava tentando interceptar sua argumentação, mas, firme na promessa feita a esposa, continuou:

—Fico feliz que eles partilhem de nossa alegria, Dolores, porém, eu e Lola estivemos conversando e acreditamos que já temos retido por mais do que o tempo devido você conosco, e que isto é um egoísmo inominável. Achamos que você deva voltar à sua casa, a fim de compensar seus pais da separação que lhes impusemos.

Pronto ele falara da melhor forma possível o que lhe ia a mente, porém Dolores não se deu por achada. Sorriu meio sem jeito e respondeu:

—Tarik, meu querido, me comove sua preocupação com meus pais, porém, quando de lá parti, deixei claro que ficaria aqui pelo tempo que julgasse necessário e agora, mais do que nunca, com a gestação em andamento, creio que Lola vai precisar muito de mim. Jamais me perdoaria de abandoná-la neste momento.

Tarik, naquele momento, percebeu o quanto sua cunhada era diferente da irmã, como era dissimulada e tendenciosa e chegou a pensar que Lola

conhecia melhor Dolores do que ele jamais teria imaginado.

Como dizer que Lola a queria longe dali, que Lola pedira a ele com insistência que fizesse com que ela fosse embora?

Ele não podia, sem faltar com a educação devida, declarar o que pensava naquele momento, nem o que o tinha feito falar com tamanha clareza do desejo dele e de Lola de que ela fosse embora, retornando à sua casa.

Pensou rapidamente e ainda tentou um último recurso:

—Lola e eu não queremos ser-lhe pesados, neste momento. Pode crer que ela terá toda a assistência necessária e que sua presença a preocupa, porque ela também acha que temos distendido muito sua estadia entre nós.

Impossível ser mais claro e direto, na sua alocução, mas Dolores estava disposta a ficar e fez-se lívida, dramatizando:

—Tarik, por Deus! Vocês não podem me tirar a felicidade de assistir o nascimento de meu sobrinho. Isto é o que mais desejo neste momento, nesta vida! Viajei preocupada com Lola, mas, quando cheguei e vi a festa que ela organizou para você e logo as novas do nascimento do filho de vocês, nenhuma outra ideia me tomou, a não ser a de ver o nascimento do filho de vocês. Como pode si quer pensar em me tirar esta alegria?

E Dolores pôs-se a chorar de forma lastimosa e convulsiva.

Tarik chegou a duvidar das conclusões a que chegara a pouco. Ela parecia sincera.

As lágrimas abundantes, o sentimento que a outra pusera em suas falas, o desarmaram. Resolveu pedir a Yasmin que ficasse atenta a esposa e a cunhada, mas viu que não podia mandá-la embora, sem ser grosseiro ou mal educado.

Nada mais disse, nem tentou novamente colocar Dolores a caminho de sua casa, longe deles.

Difícil foi argumentar com Lola, que ficou muito desgostosa com o que ela chamou de inabilidade dele.

—Você deveria ter imposto sua vontade a Dolores. -falou ela agastada. -Eu mesma arrumarei um modo de acabar com isto. A mim Dolores não engana com esta encenação barata, nem me toca, falseando seus sentimentos para com nosso filho.

—Lola, talvez ela tenha sido sincera. Talvez ela tenha aceitado o amor que sentimos um pelo outro.

Lola fechou-se num mutismo firme e decidido. Ela não confiava mais na irmã, e tinha razões de sobra. Se Tarik se deixava dobrar, daquela forma, ela haveria de fazer a irmã tomar o rumo de retorno à casa paterna.

—Não fique aborrecida. Voltarei a tentar fazer com que ela vá embora. Você não deve se enervar com isto. Pensarei em algo.

Tarik prometia, mas naquele momento não conseguia perceber como faria com que Dolores fosse embora.

Outras vezes ele tentou tocar no assunto da viagem de Dolores, mas ela dava sempre argumentos contrários a sua ida.

Lola discutiu com ela, certa vez, acaloradamente:

—Dolores, quero que me ouça com atenção. Quando Tarik a convidou para vir a nossa casa, ele o fez para me agradar, julgando que sua presença me faria bem. Ele se enganou. Não percebo em você qualquer simpatia ou afinidade para com meu marido, ou com minha escolha.

Dolores quis retrucar, mas Lola fez um gesto firme, pedindo que ela a ouvisse calada, continuando:

—Quero que você retorne a casa de nossos pais. Eles precisam de você, mais do que eu. Estou lhe pedindo que vá embora, para que ainda reste um pouco da amizade fraterna que nos uniu um dia.

—Lola, minha querida. Você não sabe o que está dizendo. É a gravidez que a põe tão sensível a tudo, na defensiva, como se alguém pudesse causar mal a você ou ao seu filho. Pense bem. Está me julgando mal, e se ressentido de eu haver pedido que você se casasse com Tarik. Bem posso entender...

—Não! Você não entende! Jamais vai entender! O melhor que você um dia fez, foi me forçar a casar-me com ele. Eu o amo e sou feliz e não vou deixar nem você nem ninguém estragar isto. Eu te conheço, se antes não te conhecia, hoje percebo sua maneira de ser com clareza. Você é mesquinha, ardilosa, insinuante, mandona. Mas eu não aceito mais isto. Quero que você vá embora!

Dolores não esperava por aquela atitude firme da irmã, que ela sempre manobrava com facilidade. Estava com muita raiva, mas fingiu submissão:

—Você apunhala meu coração, julgando-me injustamente. Mas sei que isto se dá pelo estado em que se encontra. Foram muitas emoções em pouco tempo, muitas mudanças, e você sempre foi muito frágil, delicada.

—Não tente me enganar, Dolores! Quero que você vá embora. Na verdade, exijo que você volte a casa de nossos pais e não me importa nem um pouco se você estiver com raiva ou magoada comigo. Você entendeu?

Dolores a fitou meio aturdida:

—Não se exalte, que isto não lhe fará bem, nem ao bebê, Lola. Eu não consigo entender, mas farei o que você me pede. Pode ficar tranquila, que vou providenciar meu retorno ao Norte, e um dia você entenderá o quanto eu amo você.

E Lola se retirou em prantos, fingindo concordar com Lola.

Esta estava visivelmente alterada, nervosa, aborrecida com tudo o que acontecera. Esperara que Tarik se livrasse de Dolores, mas ele se mostrara fraco, segundo seu modo de ver, então, ela precisara usar mais energia para com a outra, e isto a magoara. Se ao menos ele a tivesse consultado sobre a vinda da mana, ela o teria dissuadido, mas não, ele tudo fizera, pensando em agradá-la.

Nos dias que se seguiam Dolores saía várias vezes, como quem deseja comprar lembranças para levar aos pais e irmãos.

Lola não via a hora de vê-la no caminho de volta à casa de seus pais, mas os dias iam se passando e a outra não marcava a viagem.

As chuvas chegaram e as estradas ficavam mais perigosas, com elas. Por conta disto, Dolores adiou mais um tempo sua ida.

Lola se irritava com a permanência dela, mas já dissera tudo quanto tinha vontade, e tratava de se poupar, na espera da chegada da criança, a quem já amava com total desprendimento.

Yasmin assistira a discussão havida entre as duas irmãs e revelou tudo a Tarif, que ficou abismado com a firmeza da esposa, percebendo que ela estava decidida a se livrar da presença de Dolores. Passou a tratar a cunhada com certa reserva, e a observá-la com mais cuidado, porém, frente aos motivos que ela inventava para se deixar ficar, nada pode fazer.

Yasmin também estava de sobreaviso, com relação às atitudes da visita indesejada.

Ela partilhava dos maus pressentimentos que envolviam Lola.

O tempo foi transcorrendo e chegou o momento tão esperado do nascimento do filho do casal.

Médicos foram chamados, e servos colocados a postos.

No quarto, Lola sofria as dores do parto com valentia e firmeza. Tarik estava nervoso e preocupado.

As horas foram se passando, e Dolores também esperava, já que não lhe haviam permitido adentrar o quarto do casal.

No vestibulo Tarik mal conseguia conter a ansiedade e o desejo de invadir o quarto. Seus pais e irmãos aguardavam e lhe pediam calma.

Após um tempo, que para todos pareceu demorado, ouviu-se o choro forte de um recém nato.

O medico surgiu à porta e chamou Tarik a entrar, comentando:

—É um menino forte, perfeito. Parabéns.

O jovem pai entrou no quarto sem saber se olhava o filho nos braços da ajudante do médico, ou a esposa exaurida na cama.

Aproximou-se de Lola e perguntou constrangido:

—Como você está, meu amor?

Lola o fitou com os olhos marejados, e respondeu:

—Estou feliz. Você viu como nosso filho é lindo?

Tarik a beijou e também suas mãos e só então foi conhecer o filho que nascera.

Nada se poderia comparar aquele momento na vida de ambos.

O filho tão desejado chegara e estava tudo bem. Eles até se haviam esquecido da presença de Dolores.

CAPITULO XII- A CILADA.

Por mais que Lola insistisse na partida de Dolores, ela se punha como uma tia cheia de cuidados e amores pela criança que nasceria, fingindo uma quase adoração, que não sentia, e Tarik, diante disto, deixava que o tempo corresse, sem mandá-la embora, como seria seu desejo e da esposa.

Dolores aproveitara sua estadia para conhecer os arredores, tomar ciência de vários locais próximos a mansão e a cidade próxima.

Não perdera tempo, para concretizar seu plano de destruição da família formada por Lola, pela irmã e agora pelo filho amado que chegara.

E acabara por entrar em contato com Constantino, a quem passou a encontrar-se muitas vezes, transmitindo a ele as informações que desejava, levando-o a pensar que Lola o amava e era infeliz com o esposo.

Lola ficara tão absorta com a chegada do menino, que só tinha olhos para ele e para o marido, a quem passou a amar de forma dedicada e sincera.

Tarik estava feliz, como jamais imaginara ser, porque temia que Lola jamais o perdoasse, pela maneira como forcara a ligação entre ambos. Chegara a se arrepender dos estratagemas utilizados para atingir seus fins, e se sentia até inferior a esposa, pela bondade com a qual ela agira para com ele. Poderia odiá-lo, mas lhe demonstrava um carinho que ele jamais imaginara receber um dia.

Eles não podiam, diante de tanta coisa boa que estava acontecendo entre eles, imaginar o que Dolores tramava às ocultas.

Sentiam, na verdade, uma desconfiança e prevenção contra ela, mas não conseguiam imaginar o que ela tramava, ou o que poderia redundar de suas atitudes.

Os meses foram se passando e Lola procurava se distanciar mais e mais de Dolores, e tudo fazia para impedir que ela ficasse muito tempo perto do filho, que Tarif permitiu que fosse pelos costumes de Lola, batizado com o nome de Tarin Alberto.

Mesmo diante dos modos gentis de Tarif, contudo, Dolores continuava a pensar nele, como “o mouro”, que havia forçado sua irmã a se casar com ele.

Instada a retornar às regiões onde sua família vivia, ao norte, ela se deixava ficar. Yasmin a observava, cada vez mais desconfiada de seus modos.

Quando a criança começou a andar e logo iria completar um ano, a felicidade do casal não tinha mais limites e foi então, que uma tarde, estando as duas irmãs a bordar, olhando os modos do pequeno menino, cada vez mais esperto e encantador, muito parecido com o pai, porém os olhos da mãe, como quem não quer nada, Dolores comentou:

—Você não será capaz de adivinhar quem encontrei outro dia.

Lola a fitou estranhando o que a irmã dizia, já que, para ela, Dolores não conhecia quase ninguém da região, fora os amigos que há anos os haviam convidado para as festas naquela região, o que redundara no contato e no conhecimento que ela tivera sobre Constantino. Pelo tom de voz da irmã, ela pressentiu que algo desagradável ou até mesmo prejudicial lhe seria revelado naquele momento.,

Ficou a espera da continuação da conversa, sem nem mesmo insistir ou perguntar ao que a outra se referia.

—Como eu disse, você jamais chegará a imaginar quem eu encontrei outro dia. A vida as vezes nos prega peças, sabe-se lá porque. Eu saíra com uns servos da casa, para ir as compras. Inclusive foi outro dia, quando trouxe aquele brinquedo exótico para o Tarin.

Lola se lembrava do inusitado presente que a irmã trouxera, e que jazia ali, jogado no chão pelo filho, como se não o tivesse interessado.

O tom de voz de Dolores era tão intencional, como o preâmbulo de algo mais importante, que Lola sentiu um perigo aproximar-se, mas continuou calada.

—Não vai me perguntar quem eu encontrei?- perguntou com malícia, como se aquilo não fosse importante.

—Não precisa me contar. - respondeu Lola com displicência, fingindo estar atenta aos pontos do bordado e ao filho, que brincava com alguns objetos aos seus pés.

—Pois lhe digo mesmo assim, e sei que até vai se assustar. Eu estive sem querer, com Constantino.

Lola fez-se pálida com a informação da irmã e ia dizer, que não lhe interessava ouvir mais nada, porém a outra continuou, observando-a atentamente.

—Levei um susto, você pode imaginar. Achei que ele fingiria não me conhecer, ou não me dirigiria a palavra...

Lola percebeu para que rumos a irmã estava direcionando a conversa e teve ímpetos de gritar com ela, de brigar literalmente, porque não podia deixar de reconhecer naquela conversa algo demoníaco, como que uma cilada. Percebendo que Yasmin as observava, contudo, controlou-se e falou, como se aquilo não a interessasse.

—Não precisa me contar mais nada. Este assunto não me interessa.

—Sabia que isto ia mexer com você. Imagina o susto que levei. Jamais poderia imaginar.

—Dolores, chega desta conversa. Já lhe disse que não me interessa! - falou Lola com mais energia.

—Não pensei que isto a abalaria tanto. Me desculpe. Mas preciso mesmo lhe contar o que aconteceu.

—Não quero saber! - falou Lola com
mais firmeza ainda.

—Preciso lhe contar, porque

o que

aconteceu pode afetar você, Tarik e o pequeno Tarin.

Com aquele argumento Dolores venceu as resistências da irmã que lhe perguntou, ofegante:

—Por que diz isto?

Dolores continuou:

—Vou lhe contar. Ao contrário do que eu esperava, Constantino veio a mim, muito cavalheiro, e perguntou como eu estava, se chegara há pouco tempo, perguntou de nossos pais e irmãos, como se todos fôssemos velhos amigos, e nem tocou de leve no assunto de você haver se casado

sem lhe dar nenhuma satisfação.

Achei seus modos muito elegantes, mas não pude deixar também de estranhar e pensar que ele estava sendo mais do que educado.

Tentei fugir de conversar mais com ele, porém, me impediu disto, falando que soubera de seu casamento e que lhe desejava toda a felicidade que você merecia, tecendo, inclusive, elogios ao seu marido, o que me deixou nada menos do que perplexa.

Procurando parecer natural, perguntei se ele também se casara, mas antes não o houvesse feito, porque ele mudou de repente a fisionomia e me falou sem rebuços que jamais se casaria com alguém porquê não a esquecera, minha irmã, e, se ainda tinha algum propósito na vida, era ter seu amor, porque tinha certeza absoluta que você também o amava.

Diante disto, ficou para mim evidente que ele estava desequilibrado, e contei que lhes nascera um lindo menino, que Deus abençoara seu matrimônio e que ele deveria esquecê-la e ser feliz.

—Sei tudo o que acontece com Lola. - respondeu-me ele com um olhar tão estranho que senti que ele faria qualquer coisa para tê-la de volta, minha irmã. Por isto lhe pergunto o que você ainda sente por Constantino.

—Como você ousa perguntar o que eu ainda sinto por Constantino? Você enlouqueceu, Dolores? - perguntou Lola enfurecida. — Eu te proíbo, ouviu? Eu te

proíbo de falar sobre minha família com este homem. Eu e ele não temos mais nenhum vínculo, nada!

Dolores pediu desculpas, de forma fingida, comentando que não pensava que isto transtornasse tanto a jovem mãe. Apenas achava que deveria lhe contar.

De certa forma, divertia-se em observar as reações que Lola tivera, e isto punha ainda mais incentivo à idéia que vinha arquitetando.

Se aquele mouro pensava que ia ficar tudo como estava, se enganava, porque ela sabia como manobrar Lola e conseguiria vingar-se dele e libertar a irmã daquele consórcio.

Dolores não podia entender que sua irmã se apaixonara pelo “mouro”, como ela chamava com desdouro o cunhado, e que estava feliz com a família que formara.

Culpava-se de ter forçado aquele casamento, e resolvera que tudo faria para que Lola e Constantino ficassem juntos, e, para isto, estava se encontrando com o antigo noivo e pretendente da irmã e colocando na cabeça dele que Lola era infeliz e que ainda o amava.

Aos poucos, armava a cilada com a qual pretendia interferir, de uma vez por todas, na vida de Lola, achando que a faria feliz.

CAPITULO XIII- TRAGÉDIA

Lola ficara muito abalada com a

certeza de que Constantino não a esquecera, e que se declarara a Dolores, na certeza de que a irmã iria contar-lhe.

Estava sempre atenta para perceber se alguém a observava, se alguém a seguia onde fosse, porque Constantino dissera que sabia tudo sobre ela.

Começou a ficar inquieta, a temer pela segurança do pequeno Tarin e também do esposo,

Dormia mal, vivia nervosa, tensa e também irritada e triste.

Tarik estranhou-lhe a mudança

repentina e incompreensível e procurou

dialogar, saber o que lhe ia na alma, porem, como ela poderia se abrir com ele, e dizer que estava com receio de que Constantino estivesse tramando algo contra eles?

Tarik não conseguia entender a mudança de comportamento de Lola, e, um dia, em que Dolores percebeu que ele estava sozinho, aproximou-se e puxou conversa:

—Tarik, que bom vê-lo a sós, porque preciso lhe falar sobre um assunto que vem me atormentando, de uns dias a esta parte, e não sei nem por onde começar.

O rapaz pressentiu que algo naquela conversa o atingiria, mas, mesmo assim, deixou-a prosseguir:

—Não sei se você notou, mas Lola anda triste, tensa, preocupada. Acho que ela não vai contar a você o que a anda preocupando, para não ferir seus brios, sentimentos ou preocupá-lo.

—Fale logo, Dolores, o que você sabe que eu não sei? O que está aborrecendo ou preocupando Lola?

Era tudo o que Dolores queria que ele fizesse, que lhe permitisse colocar o veneno em sua mente, e ela o fez com maestria.

—Não queria, por nada neste mundo, incomodá-lo com este assunto, porque vejo como vocês estão tão felizes, desde a chegada de Tarin. O que bem posso avaliar, mas....você se lembra que, quando conheceu Lola, ela estava noiva de Constantino, ela amava seu noivo. Não posso crer que ela o tenha esquecido totalmente, me perdoe. Você tem sido um marido maravilhoso, mas tenho razões para crer que Constantino está tentando reconquistar minha irmã. Parece que ele a segue, procura saber tudo sobre ela, como está, como vive. Parece-me que ele não a esqueceu, e que isto a aflige. Sabe como ela é bondosa, como se preocupa com todos. Você a conhece tão bem como eu.

—Dolores, como tomou conhecimento disto? O que sabe, o que viu? Lola lhe disse que não o esqueceu? Ele tem tentado se aproximar dela? Enviou algum recado?

—Eu não sei de nada. Somente outro dia o vi, durante as compras e ele foi educado, perguntou de minha família, e depois de Lola, de vocês, deixando perceber que sabe tudo quanto acontece aqui na sua mansão, o que me faz pensar ou que espia ou que colocou alguém a seu serviço por aqui, para lhe dar notícias. Ele me pareceu um pouco desequilibrado, e pensei em alertar Lola e agora você, com relação ao que ele pode estar tramando.

—Por que acha que ele está tramando algo?

—Talvez por meu instinto feminino, ou pelo olhar dele, ou o tom de voz, não sei. Somente achei que fosse melhor que você entendesse o que está acontecendo com Lola, porque Constantino, com certeza, não a esqueceu.

Tarik lhe agradeceu pelas informações, meio absorto.

Ele não duvidava do amor de Lola por si e pelo filho, mas, então, porque não lhe falara nada, porque estava tão irritada, nervosa, insatisfeita? Por que não lhe referira sobre a aproximação do antigo noivo?

Detestara vir a saber disto por Dolores. O fato o atingia de tal forma, que, pela educação havida, ele teria, forçosamente, de esclarecer tudo, de chegar até a desafiar Constantino para um duelo de morte, a espada.

Será que Lola ainda amava o ex noivo, Constantino? Seria isto possível? Se fosse assim, isto explicaria porque não lhe falara nada.

Pensava que as barreiras de suas origens já houvessem sido superadas. \mas e se Lola ainda amasse Constantino?

Tarik sofria terrivelmente com as notícias trazidas por Dolores, mas resolveu que, por hora, nada diria sobre isto a esposa,

Ficaria a observá-la, antes de tomar uma decisão.

Eu e Marília assistíamos as imagens que se sucediam daquelas vidas, e percebíamos porque Dolores se culpava do sofrimento de Lola. Era difícil entender porque ela agira daquela forma, e entender quão pernicioso uma pessoa pode ser, quando usa seu verbo para criar antagonismos e dissensões, infelicidade mesmo para os outros. Se o ser

humano meditasse um pouco na dimensão de sua ação na vida alheia, quando seu móvel não é o da fraternidade, da bondade e do amor, então, quantos males poderiam ser evitados, quanta dor poderia ser desviada ou minimizada.

Aquelas vidas caminhavam de um momento feliz para uma tragédia e, para que tal se desse, bastara a interferência de uma pessoa apenas, Dolores.

É deste modo, que uma pessoa apenas pode ser o agente da infelicidade para milhões de criaturas, em todas as épocas, nações e acontecimentos.

Por isto, Jesus nos pediu e orientou que é preciso orar e vigiar.

A palavra mal intencionada já causou muito infortúnio a pessoas, coletividades, nações e à Terra. Que o digam os conquistadores e ditadores de todas as épocas e os mártires que lhes sofreram a ação. Contam-se aos milhões, infelizmente.

Por isto é tão importante observar as falas de cada um, e até mesmo o que está embutido nas entrelinhas.

Infelizmente, porém, a maioria das pessoas não tem discernimento, nem malícia suficientes para absorver e deduzir com relação a maldade embutida nas atitudes das criaturas mal intencionadas, e sofrem-lhe as investidas danosas e maléficas.

Mas continuemos com os fatos.

Dolores continuou a pressionar Lola, dizendo-lhe que ela era infeliz e que deveria se encontrar com Constantino, porque ele demonstrava que ainda a amava e mais, que seria até capaz de matar Tarif, se ela não falasse com ele.

—Você está louca, Dolores? Falar com Constantino? Eu não quero vê-lo nunca mais.

O passado ficou para trás. Se você encontrar de novo Constantino diga-lhe que amo meu marido e, por nada neste mundo, quero falar com ele, seja em que circunstâncias que for.

—Infelizmente, creio que isto não seja possível. Como lhe disse encontrei-o novamente. Parece até que ele colocou algum espia para me seguir e ir ao meu encontro, quando vou as compras ou espairecer pela região. E ele veio falar comigo, fazendo perguntas sobre você, seu filho Tarin, Tarik e a vida de vocês. Ao final, como eu respondesse de forma

reticenciosa, disse-me sem reбуços que não te esquecera e mais, que seria capaz de qualquer coisa para livrá-la de seu casamento e que até aceitaria seu filho, como se dele fora.

—Aceitar meu filho? Ele enlouqueceu. sem dúvida. Diga a ele que prefiro morrer a me separar de meu marido e de meu filho.

—Diga-lhe você, Lola. Quem sabe, ouvindo de seus lábios ele desista. Por que, pelos modos dele, temo mesmo que até arme alguma emboscada com seus servos e venha a matar Tarik. Se você concordar, marco um encontro entre vocês dois, e assim você poderá, de uma vez por todas, colocar sua vontade diante dele. Por que temo muito, minha irmã, que isto acabe muito mal, com a determinação que lhe senti. Ele parecia mesmo, da última vez que o vi, resolvido a por um termo em seu casamento.

—Encontrar-me com ele? Você, sem dúvida, enlouqueceu, minha irmã. Eu não quero mais vê-lo, nem posso. Quando estiver com ele, diga-lhe isto, esclareça que estou feliz na minha nova vida, na nova situação e que desejo que ele se case e seja feliz, com uma mulher maravilhosa, que o ame e a quem ele ame também. É o certo a fazer, é o que Deus deseja, tenho certeza.

—Posso lhe falar. Farei isto, se ele vier novamente a mim, mas temo que ele somente aceite sua resolução se ouvir de seus lábios. - comentou Dolores, como quem não quer nada.

Contudo, continuou assediando a irmã, resolvida a providenciar um encontro entre os dois ex noivos.

Ao mesmo tempo, encontrava-se com Constantino e o incentivava a se aproximar de Lola:

—Ela o ama, sem dúvida. Conheço minha irmã. Ela nunca o esqueceu e é infeliz. Não o procura, porque acredita que você não fez nada para ir em seu socorro, quando lhe escreveu.

—Jamais recebi nenhuma carta dela, creia-me, Dolores. Se houvesse recebido teria corrido ao seu encontro, sem dúvida. Ah! Porque isto tinha que acontecer da forma como ocorreu? Se ao menos ela tivesse aguardado o meu retorno, como eu lhe pedi, quando viajei...

—Talvez Tarik tenha interceptado as cartas, sabendo que não alcançaria seus objetivos se elas chegassem as suas mãos. - falara

intencionalmente Dolores, mesmo sabendo que fora ela quem interceptara as missivas.

Este comentário acendeu ainda mais o ódio que o jovem sentia pelo esposo de Lola.

Dolores sentia mesmo um prazer imenso em criar uma situação tão desastrosa para a irmã, até mesmo por punções inconscientes de rivalidade para com a irmã caçula, que era indiretamente alvo de seu sentimento de inveja. Também lhe causava prazer saber que podia manipular as circunstâncias através de insinuações e mentiras, porque odiava Tarik e queria destruí-lo, acreditando mesmo que Lola não o amava, como dizia, e que estava enganada e só seria feliz com Constantino.

Rememorava o sofrimento da irmã, o carinho e amor pelo ex noivo, e a aversão que parecia sentir pelo seu pretendente mouro, e isto tudo era potencializado por entidades infelizes que perseguiram o casal e a criança, alvos de seus interesses nefastos.

Elas não teriam qualquer influência, se Dolores não fosse invigilante e, ao mesmo tempo invejosa da felicidade da irmã, e preconceituosa com relação aos invasores da península.

Como as pessoas se enganam a si mesmas, quando seus desejos não correspondem a realidade. Inventam os mais coerentes motivos, na aparência, para justificar seus fins. Acreditam ou fingem acreditar que o que os move é o amor, mas na verdade, é o egoísmo e a maldade.

Assim agia Dolores, pelo que nos era dado verificar, até mesmo pelo seu relato, que direcionava as cenas.

Tudo foi ficando cada vez mais insustentável. Tarik era instado a desconfiar da esposa, Lola era levada a pensar na segurança do marido e do filho, e Constantino era enganado a pensar que era amado. Tudo dentro do plano diabólico de Dolores.

A situação chegou a um ponto que Lola se convenceu de que deveria falar pessoalmente com Constantino, a fim de dissuadi-lo de continuar a assediar a irmã, na tentativa inglória de reatar o relacionamento entre eles.

Era tudo o que Dolores planejava, porque, tão logo o ponto de encontro foi combinado, numa das propriedades de Constantino, ela logo colocou Tarik a par do mesmo. Imaginava com isto, montar um cenário e momento ideal, que levasse a um entreencontro entre os dois homens, que

culminaria, se ela tivesse êxito, com a morte de Tarik, a quem odiava, já que, se houvesse um duelo, ela sabia que Constantino era muito hábil no manejo da espada e que era temido naquelas lutas.

CAPITULO XIV- MORTE.

No dia demarcado para o encontro com o ex noivo, Lola acordou com o coração oprimido, como se durante a noite tivesse estado com amigos espirituais que lhe haviam alertado, para o perigo do que iria realizar.

Tarik a observava e fingiu que iria sair em viagem mais ou menos longa. Beijou-a com paixão e tristeza, o que não passou despercebido a ela, e fingiu dirigir-se a estrada.

No momento em que saiu com a carruagem, deixando o filho aos cuidados de Yasmin, Lola sentiu uma tristeza profunda e um medo terrível a invadir-lhe a alma, porém, decidida a por um fim àquela situação, seguiu meio maquinalmente na direção programada por Dolores,

Sem saber, Tarik a seguia impressionado e machucado.

Dolores acendera uma vela no oratório da casa, que Lola montara, como se com isto invocasse entidades benéficas para a realização do que pretendia, como se isto fosse possível.

Por mais que os amigos espirituais quisessem intervir e tivessem feito uma última tentativa de impedir o gesto de Lola, verificavam que não haviam tido sucesso na empreitada. Lola caíra como o pássaro invigilante e inexperiente, na cilada programada cautelosa e insidiosamente pela irmã Dolores.

Após mais de uma hora de percurso, finalmente Lola chegou a propriedade, que já conhecia, pois estivera antes ali, quando noivara com o rapaz.

Como se pode imaginar ele a esperava cheio de entusiasmo e amor, desejoso de a abraçar e beijar e reatar seu compromisso.

Lola foi admitida na mansão por um servo de confiança e adentrou a sala arrependida já de estar ali, enquanto a carruagem a esperava fora.

Quase atrás, Tarik esperava oculto na ramagem próxima a entrada, deixando seu transporte a espera dele, na estrada que dava à propriedade, bem como servos de confiança, que não deixara que o seguissem, cheio de

vergonha pelo que ia fazer, espionar o encontro do casal, da esposa e do rival.

Lola não teve que esperar, porque, tão logo o servo saiu, Constantino se apresentou diante dela, com os olhos brilhantes e um sorriso nos lábios e, depois de beijar-lhe as mãos, falou intempestivo:

—Há quanto tempo que aguardo a felicidade de voltar a vê-la e poder falar com você. Tenho-a seguido por onde anda, como uma sombra que precisasse de sua luz.

Lola afastou-o, impressionada com a emoção que a tomou e até com receio que ainda o amasse, mas recuperou o domínio, firmando o pensamento nos motivos que a haviam levado até ali, com firmeza de levar a efeito sua resolução de impedir que Constantino fizesse qualquer mal a seu esposo, a ela e ao filho.

—Constantino, te peço, contenha-se. Só vim até aqui por insistência de Dolores, que me falou que você continua a pensar em mim de forma enganosa. Estou casada e amo meu marido. Ganhamos um filhinho e desejo que você também um dia se case e seja feliz. Esqueça de uma vez por todas que me conheceu e deixe-me em paz, para seguir minha vida, como Deus determinou.

O choque do rapaz não poderia ser maior do que foi, Ele não podia acreditar no que ouvia, porque Dolores lhe assegurara que Lola o amava e era infeliz. Achou que ela agia daquele modo, pela determinação moral de sua alma, e que o fazia constrangida pelos compromissos assumidos com seu casamento e não por amor a nova família.

No desejo de abraçá-la e beijá-la não mais se conteve, avançando para ela com ímpeto e tomando-a nos braços fortes:

—Não minta para mim. Sei que você me ama, tanto quanto a amo, e daremos um jeito nesta situação. Não resista a este sentimento que é a razão de nós mesmos.

Lola assustou-se com o ímpeto do antigo noivo e percebeu que estava numa situação de risco e desamparo, naquele momento, tentando reagir aos abraços e beijos dele.

Neste momento, Tarik entrou de inopino, sem que o aguardassem, e interpretou a cena diante de seus olhos, como um contato amoroso entre a esposa e o ex noivo. Sentia como se um punhal lhe tivesse atravessado o próprio coração.

Lola tentava se desvencilhar do abraço do antigo pretendente, e este foi o primeiro que viu o recém chegado. Tomado de fúria gritou-lhe:

—Veja com seus próprios olhos. Ela me ama e não a você!

Lola voltou-se e deu com o esposo a fitá-los com assombro. Correu para ele e tentou abraçá-lo:

—Tarik! Como está aqui? Não é o que você está pensando! Eu te amo e a mais ninguém!

‘ Mas ele não a ouvia.

Tomando a luva que levava a mão direita, deu com ela no rosto do pretenso rival.

Desafiara-o para um duelo de morte. E Constantino não fugiria a isto, porque desejava matá-lo.

Após o gesto, Tarik saiu pela mesma porta pela qual entrara, enquanto Lola corria atrás dele, tentando alcançá-lo inutilmente.

Não teve outra alternativa senão retornar arrasada e abatida à sua casa, onde Dolores os esperava, ansiosa por saber que fim tivera seu plano sinistro.

Por mais que quisesse saber o que acontecera, nem Tarik nem Lola quiseram falar com ela.

A jovem mãe trancou-se no quarto, depois de tentar inutilmente falar com o esposo, que não lhe ouviu os rogos e se trancou em outro cômodo da mansão.

Nos dias que se seguiram, uma carta, entregue por um servo de Constantino, marcava hora e local do entrevero entre os dois homens.

A notícia correu, mas ninguém sabia, ao certo, o que causara tudo aquilo. Somente Lola e Tarik, mas eles não mais se falavam.

Da cabeça do mouro não saía a imagem de Lola nos braços de Constantino. Ele estava firme na certeza de que a mulher que ele amava o traía e amava o ex noivo e isto era mais devastador para ele, do que estar pondo a vida em risco. Queria matar Constantino, mas suas emoções o abatiam e amarguravam.

O outro, contudo, estava radiante, na certeza de que atingiria seu desiderato e ficaria com Lola. Seria capaz até de aceitar-lhe o filho, por amor a ela.

A sociedade local, sem entender o porque daquele duelo, esperava com a curiosidade mórbida e triste o evento que se daria.

Lola, diante do que ocorria, escreveu uma carta ao marido e pediu que Yasmin o fizesse ler, contando a verdade sobre o evento e expulsando, de uma vez por todas, Dolores da propriedade.

—Só cuidei de sua felicidade. -lhe disse a outra. -Você é uma ingrata, minha irmã.

Retirou-se para uma pensão e ficou aguardando o desfecho da armadilha que montara de forma tão insidiosa para todos.

Infelizmente Tarik nem leu o que Lola escrevera e lhe enviara por Yasmin. A serva veio dar conta do que acontecera:

—Ele não leu, minha senhora. Ele rasgou e jogou fora sem ler.

Leila chorou sentidamente. No fundo da alma, passou a desejar que Tarik vencesse aquele duelo, e tudo pudesse voltar a ser como antes, mas sua alma estava ferida e com muito medo.

Chegou finalmente o dia demarcado para o evento mortal.

Lola deu um jeito de estar nas cercanias do evento, Aguardava o que aconteceria naquele dia, que amanheceu tristonho, o céu cinzento e frio, como se participasse de seus receios e tristezas.

Yasmin lhe prometera que lhe contaria o que teria como resultado naquele dia.

As pessoas que participariam como testemunhas e juízes do duelo compareceram e seguiram as praxes costumeiras, naquele desafio mortal.

Todos comentavam que provavelmente a esposa de Tarik agira de forma criminosa e infiel.

Indiferente ao que pudessem pensar a seu respeito, Lola aguardava, mergulhando em profunda angústia, como se sentisse um pressentimento de morte.

O duelo se iniciou e os dois homens usavam as suas espadas, de forma capacitada, deixando as pessoas suspensas dos seus movimentos.

Porém, num momento de invigilância de Tarik, Constantino o atingiu mortalmente.

Viu-se que o mouro ficava pálido e mortalmente ferido cambaleava, dando ao chão.

Correram os participantes daquele evento macabro e assistiram, em poucos momentos, o descesso do jovem.

Constantino vibrava de satisfação. Vencera.

Quando Lola soube, correu para o local onde o corpo do companheiro jazia numa poça de sangue. Gritava enlouquecida, depois calou-se e tratou de fazer com que transladassem o corpo do marido. Dirigiu-se a Constantino e falou arrebatada:

—Jamais o perdoarei. Maldito seja para todo o sempre! Hei de vê-lo morrer, maldito!

Retirou-se dali, levando consigo o corpo de Tarik, culpando-se mentalmente de tudo o que estava acontecendo,. A idéia de por fim a própria vida voltou com ímpeto no seu pensamento.

Foi doloroso o enterro do jovem a quem tantos amavam. A família do rapaz não tinha como acusar Lola, porque não tinham provas de sua infidelidade, que aliás, nunca houve.

Dolores teve que retornar a casa de seus pais, para quem levou a notícia do insucesso da morte do cunhado, sem, contudo, referir que a trama toda fora urdida por ela. Esperava que Constantino conquistasse a irmã e que se casasse com ela, num futuro próximo. Um dia, Lola lhe agradecería a intercessão, segundo pensava.

Estava feliz com a morte do cunhado, a quem desprezava e odiava. Seu pensamento e ação perniciosos eram de algum modo, minimizadas pelas razões que julgava ter, pelo menos, em seu julgamento doentio.

Sua cilada dera o resultado esperado. Porém, no Plano Maior, Tarik, em espírito, se erguera revoltado e ferido. Seguia os movimento de Lola a enterrá-lo, percebia-lhe os pensamentos e aos poucos deu-se conta que ela o amava mesmo, e que fora, tal como ele mesmo, vítima da cilada de Dolores.

Desesperado, passou a perseguir Constantino, arrependido de nem ao menos ter ouvido Lola, nem lido a carta que ela lhe enviara por Yasmin.

Sentia remorsos, por não tê-la ouvido, odiava Dolores e Constantino, e não se afastava da mansão onde fora feliz.

A perturbação tomou conta da casa e

das pessoas. A família de Tarik passou a odiar a viúva e a criança, e ela se deixava envolver pela angústia e desespero, pelo remorso de ter ido ao encontro de Constantino e a odiá-lo cada vez mais.

O apaixonado, contudo, acreditava

que a morte do ex companheiro da mulher
amada lhe abria o campo a manifestação de
seus desejos e planos futuros.

Sentindo a hostilidade dos parentes,
sem conseguir ficar no quarto onde fora feliz,
Lola mudou-se para uma propriedade rural do esposo, insulando-se.
Constantino foi-lhe atrás, com

promessas e juras de amor eterno, que ela

rechaçava com ódio mesmo, mergulhando mais e mais no desejo mórbido de matar-se.

Somente o amor ao -pequeno Tarin a mantinha ainda viva.

A presença espiritual de Tarik, contudo, ao invés de a fortalecer, fazia com que ela mergulhasse, mais e mais, no desejo de morrer e acabar com seu sofrimento, mesmo pensando que aquele ato a separaria de vez do filho e do amado esposo, porque segundo pensava, iria para o inferno.

Recebeu uma carta de Dolores, convidando-a a ir passar uns tempos na propriedade dos pais, porém nem deu atenção ao convite, chegando-se ainda mais aos pensamentos de remorsos e desespero.

Constantino não desistia e a assediava constantemente, com presentes que eram devolvidos, insistindo em que falasse com ele, mas ela não o atendia, ao mesmo tempo que, sem perceber, era alvo da atuação constante de Tarik, que o seguia e tentava destruir.

Yasmin continuava atendendo a Lola, e se apegara demais ao pequeno que lhe lembrava a presença de Tarik, quer pela semelhança física, ou pelas lembranças da infância do amo que cuidara com desvelado amor. Por ele, se preocupava agora com a viúva, sem condená-la, como os demais pela morte do companheiro.

Enchia-se de cuidados com a senhora,
e a cuidava, dando-lhe amor e atenção,
preocupada com a tristeza e desespero que
lhe ia na alma. Temia o pior, e velava por
sua vida.

Uma tarde chuvosa, em que o pequeno Tarin estava com sua ama,
a brincar na sala, Lola se retirou por uns momentos ao quarto de dormir,
pretextando que ia dormir um pouco.

Idéias macabras a envolviam. Lembrou-se do modo como Tarik
havia lhe impedido o gesto do suicídio no quarto do casal e falou-lhe, sem
saber que ele estava ali presente, em espírito:

—Antes tivesses permitido que eu morresse aquele dia, antes de
viver a tragédia de perder-te.

Percebendo o que ela pretendia, o companheiro desencarnado
tentou evitar que ela continuasse na direção que parecera escolher, mas não
consequia interferir, mesmo chamando-lhe a atenção para o pequeno filho
que ficaria sem pai e sem mãe.

Lola amarrou um lençol ao docel da cama, e, tal como outrora
tentara sem conseguir, sem deixar um bilhete de despedida ao filho e aos
familiares, deu cabo da própria vida, de uma forma trágica e terrível.

Quando Yasmin pressentiu o perigo e correu ao quarto nada mais
pode fazer.

O pequeno Tarin estava agora órfão.

Dias depois, após o enterro, Constantino soube o que acontecera.
Não conseguia entender. Para ele, Lola o amava, e deveria ficar com ele.

Desespero e desequilíbrio o tomaram de assalto. Ao seu lado,
Tarik tudo fazia para levá-lo à morte.

Não conseguira auxiliar Lola. Não conseguia revê-la, depois de
morta. Debitava tudo a Constantino e a Dolores, a quem passou a perseguir
atrozmente.

O tempo passou célere e um dia Constantino atirou-se às águas
fortes do Guadalquivir, durante uma tempestade.

Seu corpo foi encontrado dias depois,
sem que soubessem se morrera por uma infelicidade ou de moto próprio.

No Plano maior, Tarik se engalfinhava com ele, em lutas
contínuas.

Terminavam ali as visões de Dolores e podíamos compreender porque ela se culpava da infelicidade de Lola, mas amigos espirituais, a nosso pedido, a envolviam em suas doces blandícias, acalmando-lhe os remorsos, depois da narração dramática e sincera.

Ajudávamos a entidade espiritual como podíamos, pensando em como também poderíamos auxiliar a jovem Leila, já que percebíamos que não poderíamos relatar o que acabávamos de saber e descobrir, das suas tramas reencarnatórias, sem fazê-la sofrer ainda mais, após a perda dos dois companheiros.

Um amigo espiritual, presente e ligado àquele grupo de espíritos, que haviam vivenciado tão díspares quanto dantescos acontecimentos, nos explicou:

—Amigos, trabalhamos durante séculos e outras vidas foram programadas. Através delas, Tarik e Constantino finalmente se entenderam, e foram amigos e irmãos em outras vidas.

Com isto, neste tempo, programaram que Constantino, que tirara a vida de Tarik viria com Lola, que quase se matara por sua causa, quando se casara com Tarik e teriam um filho. Na ocasião demarcada, ele perderia a vida, já que matara o rival, deixando Lola e o filho, que seria depois adotado por Tarik. Era como se Constantino, de algum modo, pagasse sua dívida com ele, deixando-lhe a esposa e o filhinho.

Tal se deu, e Tarik, agora em outro corpo, casou-se com a antiga Lola, agora Leila, e assumiu a paternidade da criança e a continuidade da vida da viúva.

Porém, como ele também errara no passado, não pode ficar junto de ambos.

Lola precisava aprender a dar continuidade a sua vida sem os dois, e a cuidar sozinha do menino que abandonara pelo suicídio.

Entendíamos a complexidade da hora presente, vendo Tarik e Constantino, agora em novas roupagens, unidos na preocupação com a mulher e a criança que ficavam sem eles, num corpo físico.

Seria difícil conversar com Leila no dia seguinte, contudo, tínhamos que fazê-lo.

No outro dia, portanto, dirigimo-nos, rogando mentalmente a Jesus que nos dirigisse e lhe falamos com carinho e sinceridade:

Casada bem jovem, fora recebendo os filhos a quem amava, e de quem cuidava com muito esforço, trabalhando com afincos no ofício de lavadeira e plantando alguma coisa no quintal da casa pobre, para sustento de todos.

O marido saía pela manhã e ia a fazer pequenos serviços, vivendo dos biscates do que podia conseguir. Muitos eram os dias em que saía pela manhã e retornava à noite cansado, sem nem mesmo ter tomado uma refeição.

Isto o punha revoltado e sem ânimo, sempre reclamando da vida que levava.

Dolores era orgulhosa e não queria recorrer a caridade alheia, deste modo, muitas eram as vezes em que não se alimentava, para suprir a necessidade dos seus.

Contudo, era muito religiosa e se apegava as orações e aos santos.

Amava com paixão os filhos. Tivera, mercê de Deus dois meninos robustos e alegres, que a encantavam, desde o nascimento.

Um chamava Paulo e outro Nazir.

Havia algo, contudo, que a perturbava muito.

Sem razão aparente, embora os dois fossem crianças de muito boa índole, inteligentes e cheios de vontade de ajudá-la, em tudo, volta e meia estavam se estranhando, como se diz vulgarmente, ou seja, volta e meia se desentendiam por qualquer coisa, passando a se hostilizarem, até de forma um tanto violenta.

—Não briguem! - falava ela assustada. - Vocês são irmãos, tem que se entender. Não foi assim que lhes ensinei.

Dolores, quando os meninos estavam grandinhos, com um ano apenas de diferença entre eles, ganhou uma linda e delicada menina, a quem deu o nome de Lola, e que a encantava, pela sua ternura, e pelos imensos olhos tristes e expressivos.

Também os meninos a adoravam, e até mesmo o pai, que era quase indiferente com todos, tinha pela pequenina um amor, que demonstrava, pelo modo como a tratava.

Apesar de cercada do carinho de todos os membros da família, contudo, Lola demonstrava que era uma criança cuja saúde estava comprometida, e tinha verdadeiros espasmos de dificuldade respiratória.

Não raras vezes, Dolores passava as noites embalando-a no colo, e querendo respirar por ela.

Muitas vezes tivera que atravessar distâncias, para levá-la a Santa Casa de Misericórdia do município próximo, onde já chegava quase a morte, e se recuperava com o auxílio de médicos prestimosos e dos remédios que lhe ministravam, e que também doavam, para que ela os ministrasse em casa, durante as crises.

Aprendeu a acender o fogo e fazer o vapor de água, para auxiliar a pequenina em suas crises.

As dificuldades de Lola eram sentidas por todos os membros da família, que a cercavam de mimos e carinho, durante as crises ou mesmo sem elas.

Os garotos disputavam estar com ela, e tudo faziam para a alegrar.

Lola era o xodó de Dolores, e ela a sentia como um anjo do céu, minorar-lhe os sofrimentos.

Os anos foram se passando com as dificuldades de vulto sentidas por todos, e, já na puberdade os meninos saíam com o pai, em busca de algum trabalho que pudessem elaborar.

Paulo acabou por se tornar um oficial numa sapataria da cidade, onde aprendia o ofício e Nazir começou a aprender o ofício de alfaiate.

Deste modo, Dolores ficava a maior parte do dia com Lola, cuidando dos poucos objetos da casa, cuidando da horta e de algumas galinhas e lavando e passando roupa das famílias. A menina queria ajudar, mas tudo para ela era mais difícil. Não tinha energia, saúde ou disposição.

—Doía-me vê-la tão franzina e sempre sofrendo muito com as dificuldades para respirar. - comentou Dolores interrompendo as cenas que se repetiam.

Bem podíamos avaliar, e já tínhamos reconhecido na jovem mãe a figura de Dolores, nos dois filhos que viviam se digladiando, fazendo mãe e filha sofrerem muito com isso, víamos reencarnados Constantino e Tarik.

O pai parecia ser o antigo progenitor de Lola, que tinha o mesmo nome que lhe fora dado na Espanha, agora reencarnada no Brasil, com tantos problemas de saúde.

Conseguíamos aquilatar os meios utilizados para a reaproximação dos membros daquela tragédia anterior. Dolores doando sua vida e gerando

os dois rapazes que ela levara indiretamente à morte e procurando auxiliar na recuperação de Lola, que partira pelas vias do suicídio.

Ficava evidente que todos amavam muito Lola, mas também ficava claro que ela tinha a saúde depauperada e sofria com isto, conseguindo sobreviver a duras penas.

Os irmãos já estavam mais fortes, rapazinhos dedicados, que principiavam a ganhar algum dinheiro ,que dispensavam aos pais, na tentativa de minimizar a miséria em que viviam.

Eram muito dedicados, tinham feito poucos amigos desde a infância, e viviam para a família, principalmente preocupados com a saúde da irmãzinha menor, a quem adoravam.

Lola não se conformava com causar tanta preocupação a todos, e procurava minimizar ou esconder o sofrimento pelo qual passava, nas constantes crises de asma que a acometiam.

A vida parecia ir melhorando aos poucos, e Dolores só se incomodava com duas coisas, as crises da filha adorada e as brigas que, vez por outra, se davam entre os dois filhos, por mais que ela procurasse intervir e terminar com as mesmas.

Seu marido, de nome Osvaldo, andava meio adoentado também, e isto a punha de sobreaviso, com relação ao que poderia lhes acontecer, caso ele viesse a faltar.

Uma noite, o rio tomou conta da região, e à luz bruxuleante das velas, eles mal conseguiam dormir, devido ao temporal que se abatera pela região, com ventos fortes, que ampliavam os sustos advindos do aguaceiro que caía.

Relâmpagos coriscavam no céu e trovões ribombavam, fazendo o cãozinho de estimação se esconder sob a cama do casal.

Apesar da escuridão reinante, Dolores percebeu que Lola não estava bem. Sua

respiração estava difícil, ela chiava mesmo, tentando levar ar aos pulmões, que pareciam se fechar

Dolores sentiu que a crise vinha desta vez com mais violência.

Chamou o marido e os filhos e informou:

—Temos que correr com Lola, para o Hospital.

—Melhor esperar o temporal diminuir. - falou o pai preocupado. - Será pior para ela enfrentar a chuva e os ventos lá fora. Nem sabemos se conseguiremos chegar neste aguaceiro.

—Não podemos esperar. - falou Dolores. -Ela pode morrer se ficarmos aqui. Já lhe dei a medicação costumeira, mas não está surtindo efeito.

Paulo e Nazir, resolveram que a iriam levar a qualquer custo, e para isto, Nazir saiu a procura de um amigo que possuía um cavalo.

Pretendia levá-la na garupa do mesmo, para a Santa Casa.

Atravessaria as estradas barrentas, e a levaria para os médicos que sempre a cuidavam.

Saiu em disparada em busca do animal, enquanto Dolores e Paulo ajazavam Lola, com roupas que a pudessem proteger dos ventos e da chuva.

Logo Nazir retornava e colocavam a jovem com cuidado na montaria.

Paul queria a força ir junto e os dois rapazes quase brigaram. Foi preciso que o pai interviesse, com energia:

—Parem os dois. A vida de sua irmã corre risco sério. Qualquer perda de tempo pode ser fatal. Anda, Nazir. Tome cuidado, pois os animais às vezes se assustam com os relâmpagos. Vá rápido, mas tome muito cuidado.

Nazir saiu e não houve como conter Paulo, que saiu-lhe no encalço, a pé, na chuva, sem mesmo tomar roupa adequada.

Dolores e Osvaldo ficaram em casa, ela orando e chorando muito.

A chuva não deu trégua senão no dia seguinte. O cenário era desolador. O local estava alagado, as estradas intransitáveis, e os rapazes não voltavam.

Mesmo diante da situação caótica, contudo, Dolores disse ao marido que pretendia ir a pé ao povoado, onde havia o Hospital. Ele também aquiesceu, achando que seria melhor acompanhá-la, e esperando que Nazir tivesse chegado a tempo, para providenciar socorro a filha querida.

Foram horas de marcha dolorosa e difícil, e a caminho encontraram conhecidos que haviam sofrido tanto quanto ele o temporal da noite anterior.

O coração de Dolores estava em frangalhos. Lembrava-se da fisionomia abatida da filha querida, e previa que talvez Nazir não houvesse conseguido salvar a irmã adorada.

Após horas de marcha, parando um pouco aqui e ali para refazer as forças e tomar algum alimento e água, o casal finalmente avistou as primeiras casas do povoado, com apreensão e esperança.

Antes de chegar ao Hospital, contudo, deram com Paulo a caminhar meio titubeante pela ruas, em total estado de desamparo e desespero.

Ao vê-los, correu para eles, meio alucinado:

—Deus não é bom, minha mãe, meu pai. Deus é um carrasco. Já não basta tudo o que temos passado, nesta vida miserável? Tinha ele que nos tirar também Lola?

Foi preciso que o marido sustivesse o corpo de Dolores, que caiu pelo cansaço e pela preocupação da viagem, corado pela notícia dada daquele modo pelas palavras do filho mais velho.

O casal mal ouvia a explicação dos médicos.

Lola chegara com vida, mas nada tinham podido fazer, porque seu coração não agüentava mais a força que os pulmões faziam, no tentame de levar oxigênio para o corpo combalido.

Precera alguns minutos após dar entrada no Hospital e Nazir permanecia ao lado do corpo, como que em estado de choque, todo molhado e cheio de lama.

Não respondia a ninguém, todos falavam para ele ir descansar, mas ele nem se movia.

Dolores precisou ser amparada pelo esposo e por Paulo, que mal também estava em condição de agir de forma mais equilibrada.

Providenciaram o traslado do corpo para a casa humilde, onde foi velado por eles e por vizinhos.

Alguém arrumou um local onde o corpo pudesse ser enterrado.

Para Dolores a vida perdera o significado. Nazir acompanhava os eventos sem falar nada, nem chorar. Temiam até por sua sanidade. Paulo imprecava e esmurrava as paredes.

Ninguém conseguia entender o sofrimento, causado pela perda de uma menina que mal chegara à adolescência e mais, que nunca houvera tido qualquer atitude de destaque entre eles, sempre doente, frágil e desamparada.

A vida deles se transcorreu sempre voltados para o sofrimento, com a perda da jovem querida.

O sofrimento maior de Dolores, além da morte de Lola, foi a dificuldade em fazer que seus dois filhos se entendessem, parassem de brigar.

Mesmo diante da morte da única irmã, contudo, eles ainda se desentendiam, por qualquer motivo.

Finalmente eles constituíram suas próprias famílias e mudaram para longe.

Dolores acabou a vida sozinha, porque o companheiro partiu antes dela. Cuidada por alguns vizinhos, faleceu com idade avançada, amargurada e infeliz.

As cenas se apagaram e Dolores chorava ainda, sem comentar o que tínhamos adivinhado ou percebido.

—Fez um bom trabalho. -comente com carinho.- Conseguiu que seus filhos se entendessem, reunindo os dois rivais num clima mais ameno, e auxiliou Lola a recuperar os danos causados ao perispírito, pela morte violenta.

A entidade me olhou com os olhos marejados. Ela meditava nos desencontros e tragédias causadas por sua interferência na Espanha. Estava certa.

Por mais fizesse para a recuperação de todos, até as perdas de Lola dos dois companheiros, ainda se constituía em seqüelas daqueles momentos vividos, sob sua interferência.

—Todos nós erramos muitas vezes. - falou-lhe Marília. -Se não errássemos seríamos iguais a Deus, mas o importante, neste momento, é que todos se entendem e se amam, não é mesmo?

Dolores sorriu no seu modo triste.

Despedimo-nos com carinho e respeito. Havíamos aprendido muito e estávamos felizes, por poder minimizar o sofrimento de Dolores e de Leila, bem como dos dois rapazes.

As vidas sucessivas tratariam de colocar no futuro tudo dentro dos Planos de Deus e aquele grupo seria feliz, tínhamos certeza disto.

Ficava para nós a reflexão sobre os sentimentos e as emoções como arquitetas de nossa felicidade ou infelicidade, nos caminhos do mundo.

Havíamos aprendido muito e nos mobilizado sentimentalmente, no contato com aquelas vidas, aquelas experiências,

Jamais esqueceríamos de Lola, dos seus dois amados, Constantino e Tarik, do pequeno Tarin, de Dolores e sua intervenção e das vidas que se seguiram àquelas, no decorrer dos séculos.

Que Leila pudesse viver com tranquilidade, suprimindo suas perdas terríveis, com o amor por seu pequeno filho, e que um dia pudesse programar novas incursões rumo a felicidade merecida.

Quanto a Dolores, só pedia a permissão de prosseguir, tentando auxiliar a antiga irmã e filha na sua recuperação.

Com auxílio de mais alto, haveria de saber exatamente como agir, para atingir e restaurar o clima de entendimento entre todos os envolvidos.

Tínhamos a certeza de que tudo rumava para um final feliz, onde todos ficariam contentes com as soluções do Alto.

Dolores, aliviada ao rever sua atuação e seus resgates dolorosos, despedia-se de nós com imenso carinho, agradecida e renovada.

Nada mais tínhamos a fazer, havíamos feito mais amigos e aprendido mais lições inesquecíveis.

.

1